

Senhor Grileiro de terra  
 É chegada a vossa vez  
 A voz que ouvis e que berra  
 É o brado do camponês  
 Clamando do seu calvário  
 Contra a vossa mesquinhez  
 O café vos deu o ouro  
 Com que encheis vosso tesouro  
 A cana vos deu a prata  
 Que reluz em vosso armário  
 O cacau vos deu o cobre  
 Que atirais no chão do pobre  
 O algodão vos deu o chumbo  
 Com que matais o operário  
 É chegada a vossa vez  
 Senhor latifundista!  
 Em toda parte, nos campos  
 Junta-se à nossa outra voz  
 Escutai, Senhor dos campos  
 Nós já não somos mais sós.  
 Queremos bonança e paz  
 Para cuidar da lavoura  
 Colher o milho que doura  
 Queremos que a terra possa  
 Ser tão nossa quanto vossa  
 Porque a terra não tem dono  
 Senhores Donos de Terra.  
 Queremos plantar no outono  
 Para ler na primavera  
 Amor em vez de abandono  
 Fortuna em vez de miséria  
 Queremos paz, não a guerra  
 Senhores Donos de Terra...



OS HOMENS DA TERRA  
 Viniclus de Moraes

Senhores Barões da terra  
 Preparai vossa mortalha  
 Porque desfrutais da terra  
 E a terra é de quem trabalha  
 Bem como os frutos que encerra  
 Senhores Barões da terra  
 Preparai vossa mortalha.  
 Chegado é o tempo da terra  
 Não há santo que vos valha  
 Não a foice contra a espada  
 Não o fogo contra a pedra.  
 Não o fuzil contra a enxada  
 - União contra granada  
 - Reforma contra metralha!  
 Senhores Donos da Terra  
 Juntai vossa rica tralha  
 Vosso cristal, vossa prata  
 Luzindo em vossa toalha  
 Juntai vossos ricos trapos  
 Senhores Donos da terra  
 Que os nossos pobres farrapos  
 Nossa juta e nossa palha  
 Vem vindo pelo caminho  
 Para manchar vosso linho  
 Com o barro da nossa guerra  
 E a nossa guerra não falha!  
 Nossa guerra forja e funde  
 O operário e o camponês  
 Foi ele quem fez o forno  
 Onde assa o pão que comete  
 Com seu marido e seu filho  
 Sua loba e sua loquês.  
 Foi ele quem fez o forno  
 Onde assa o pão que comete  
 Nosso pão de cada dia  
 Feito em vossa padaria  
 Com trigo que não colheis  
 Nosso pão que forja e funde  
 O camponês e o operário  
 No forno onde assa o trigo  
 Para o pão que aos vendeis  
 Nos vendes do latifundista  
 Senhor latifundista!

Liga Camponesa de Sapé:  
 Barra de Antas,  
 ontem e hoje



José Luciano de Queiroz Aires (org.)  
 Maria Lurissa de Brito, Jackson José Leite Ferreira, Eduardo Bruno da Silva, Pedro  
 Bastos Gonçalo Marques, Alane Maria Silva de Lima, Cosmo Galdino dos Santos,  
 Josilene da Silva Oliveira, Wesleyton Elias Santos Rodrigues, Luciano Mendonça de Lima

**LIGA CAMPONESA DE SAPÉ-PB:  
BARRA DE ANTAS, ONTEM E HOJE**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
REITOR: VALDINEY VELOSO GOUVEIA  
VICE-REITORA: LIANA FLIGUEIRA CAVALCANTE



CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES  
DIRETOR: ULISSES CARVALHO SILVA  
VICE-DIRETORA: FABIANA CARDOSO SIQUEIRA

#### EDITOR

Dr Ulisses Carvalho Silva  
CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO  
Dr Ulisses Carvalho Silva

Carlos José Cartaxo  
Magno Alexon Bezerra Seabra  
José Francisco de Melo Neto  
José David Campos Fernandes

Marcílio Fagner Onofre  
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira  
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO  
COORDENADOR  
Pedro Nunes Filho



Capa: Shiko

Projeto Gráfico: José Luiz da Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

L723 Liga Camponesa de Sapé-PB: Barra de Antas, ontem e hoje / Organização: José Luciano de Queiroz Aires. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. 206 p. : il.

ISBN: 978-65-5621-350-7

1. Educação no campo. 2. Liga Camponesa - Sapé, PB. 3. Propriedade privada e coletiva. 4. Luta camponesa - Brasil. 5. Ligas camponesas (1940-1964). I. Aires, José Luciano de Queiroz.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 376-7

Elaborada por: Susiquine R. Silva – CRB 15/653

José Luciano de Queiroz Aires (org.)  
Maria Larissa de Brito  
Jackson José Leite Ferreira  
Eduardo Bruno da Silva  
Pedro Basttus Gonçalo Marques  
Alane Maria Silva de Lima  
Cosmo Galdino dos Santos  
Josilene da Silva Oliveira  
Weverton Elias Santos Rodrigues  
Luciano Mendonça de Lima

# **LIGA CAMPONESA DE SAPÉ-PB: BARRA DE ANTAS, ONTEM E HOJE**

EDITORA DO CCTA  
JOÃO PESSOA  
2023



## SUMÁRIO

1 PROPRIEDADE PRIVADA X PROPRIEDADE COLETIVA.....	11
2 A LUTA CAMPONESA NO DECORRER DA HISTÓRIA DO BRASIL.	18
3 AS LIGAS CAMPONESAS (1940-1964).....	46
4 CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CAMPONESES PARAIBANOS NO MUNDO DO AÇÚCAR (1950/60).....	53
5 A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ-PB (1954-1958).....	65
6 QUEM FOI JOÃO PEDRO TEIXEIRA?.....	81
7 O ASSASSINATO DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA (2 de abril de 1962) .....	89
8 ELIZABETH TEIXEIRA: “UMA MULHER MARCADA PARA VIVER” .....	107
9 O GOLPE DE 1964, A DITADURA MILITAR E A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ .....	121
10 HISTÓRICO DO TERRITÓRIO CAMPONÊS , .....	135

11 MEMORIAL DAS LIGAS E LUTAS CAMPONESAS/SAPÉ-PB:  
BARRA DE ANTAS- PROPOSTA INTERDISCIPLINAR SOBRE AS LIGAS  
CAMPONESAS ..... 151

11 MEMORIAL DAS LIGAS E LUTAS CAMPONESAS/SAPÉ-PB: BARRA  
DE ANTAS- PROPOSTA INTERDISCIPLINAR SO-BRE AS LIGAS  
CAMPONESAS ..... 156

AUTOR@S..... 187



## **HINO DAS LIGAS CAMPONESAS**

**Letra de Francisco Julião e música do maestro Geraldo Menucci**

Companheiros, irmãos de sofrimento,  
Nosso canto de dor sobe da terra  
É a semente fecunda que o vento  
Espalha pelo campo e pela serra  
A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Presa ao cabo da enxada  
Não queremos viver na escravidão  
Nem deixar o campo onde nascemos  
Pela terra, pela raiz, pelo pão  
Companheiros, unidos, venceremos  
A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Presa ao cabo da enxada  
Hoje somos milhões de oprimidos  
Sob o peso terrível do cambão

Lutando nós seremos redimidos  
A REFORMA AGRÁRIA é a salvação  
A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Preso ao cabo da enxada  
Nossas mãos têm calos de verdade  
Atestando o trabalho honrado e duro  
Nossas mãos procuram a liberdade  
E a glória do Brasil para o futuro  
A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Preso ao cabo da enxada.

(FRANCISCO JULIÃO, Recife, setembro de 1960)

# INTRODUÇÃO

Este livro é importante por vários motivos. Primeiro, por estabelecer uma parceria extensionista entre o PET História/UFCG e o Memorial das Ligas Camponesas (Barra de Antas-Sapé-PB).

Entendemos que o papel de uma universidade pública é justamente o de produzir conhecimento que possibilite a emancipação dos grupos e classes subalternos. Nesse sentido, a extensão universitária é um pilar fundamental e pouco considerado pelas administrações e por muitos professores universitários. O encastelamento no interior das universidades com seus intelectuais sem vínculos orgânicos com o mundo subalternizado lá fora só vem reforçar o sistema de exploração e opressão, pois não contribui para romper com ele. Concordamos com Paulo Freire de que o conceito de comunicação certamente seja mais significativo político e pedagogicamente do que o de extensão, pois o objetivo deste trabalho é fazer uma educação dialógica e, portanto, com os camponeses e camponesas e não para eles e elas. Uma educação como prática de liberdade sugere a dialógica e a dialética como pilares basilares de uma educação consequente.

Ligado a esse pressuposto vislumbramos um segundo motivo que justifica a importância desse livro. Trata-se justamente de ser uma obra engajada e coletiva, escrita a muitas mãos e com a parceria fundamental da direção do Memorial das Ligas Camponesas e intelectuais orgânicos do

campesinato paraibano especialistas em Educação do Campo, assim como dos petianos de História da UFCG. Para estes, a experiência da pesquisa para um livro didático com vistas a ser trabalhado nas ações de ensino/ “extensão”, certamente marcará significativamente a sua formação profissional.

O objetivo do mesmo é colocar no papel o resultado de pesquisas acadêmicas e memorialísticas já existentes sobre a Liga Camponesa de Sapé e a Comunidade de Barra de Antas. Contudo, a pesquisa universitária retorna, de forma didática, aos sujeitos que agora serão produtores do conhecimento da sua própria História. Espera-se que ele seja lido por todos os camponeses e camponesas, de jovens a adultos, a fim de que a História da luta pela terra seja narrada para a continuidade da luta por melhores condições de vida para o povo camponês. E por um mundo sem o império do latifúndio.

Campina Grande, 22 de maio de 2023.

# 1

## PROPRIEDADE PRIVADA X PROPRIEDADE COLETIVA



No início da História da humanidade as pessoas viviam em comunidades nas quais a propriedade era coletiva, ou seja, a terra, a água, os peixes, os rios, as plantas, as frutas e os animais pertenciam a todos e eram utilizados para a subsistência de todo o grupo. Não existiam classes sociais, nem desigualdade social, escravidão e propriedade privada.

A partir da descoberta da agricultura e da domesticação dos animais as coisas se modificaram. Passou-se a geração de um excedente, ou seja, de uma produção de riqueza para além das necessidades de subsistência. Daí, então, as comunidades igualitárias foram se desfazendo. Alguns

membros foram se apropriando da riqueza e escravizando outras pessoas, surgindo as classes dos proprietários e a dos não proprietários. Nesse contexto é que surgiu a propriedade privada da terra e de toda a riqueza produzida, bem como a escravidão e o patriarcado- (a opressão dos homens sobre as mulheres). Segundo os historiadores, esse processo teria ocorrido durante o Período Neolítico, por volta de 10.000 a. C e ficou conhecido como Revolução Agrícola.

De lá para cá a humanidade foi dividida em classes: dominantes e dominados, exploradores e explorados, senhores e trabalhadores. Por exemplo: há mais de 300 anos vivemos no sistema capitalista no qual a classe dominante é a burguesia e a classe dominada é a trabalhadora. A burguesia é dona da propriedade privada das terras, dos bancos, das empresas, das fábricas, do comércio e vive de lucros obtidos por meio da exploração dos trabalhadores que recebem míseros salários para alimentar o patrimônio dos ricos.

No caso específico das terras no Brasil, desde a chegada dos portugueses, em 1500, o que tem prevalecido são os interesses dos latifundiários. O Brasil foi dividido em grandes propriedades- (latifúndios)- e entregue aos senhores que viviam na casa grande enriquecendo mediante a escravização de milhares de africanos trazidos, à força, para trabalharem para os brancos colonizadores. Os povos escravizados também eram propriedade privada, pois pelas leis portuguesas, pertenciam a um senhor, assim como a terra, o boi e o engenho.



Foram quase 400 anos de escravidão no Brasil, uma vez que, mesmo após a sua Independência, em 7 de setembro de 1822, o trabalho negro escravizado continuou sendo a base da produção da riqueza para uma elite branca proprietária.

Contudo, o povo negro trabalhador soube resistir. Uma das formas mais importantes de luta era a formação de quilombos, quando se procurava fugir da escravidão e do trabalho forçado nas propriedades privadas. Mesmo assim, muitos negros e negras viveram e morreram debaixo do peso da escravização, uma das marcas mais tristes da nossa História Moderna.

A Abolição (1888) não veio pelas mãos de uma princesa branca filha do imperador D. Pedro II que na verdade estava ligado aos senhores de escravos. Um dos fatores fundamentais para romper com a Escravidão na década de 1880 foram as rebeliões das senzalas, as fugas dos escravizados e o movimento abolicionista.

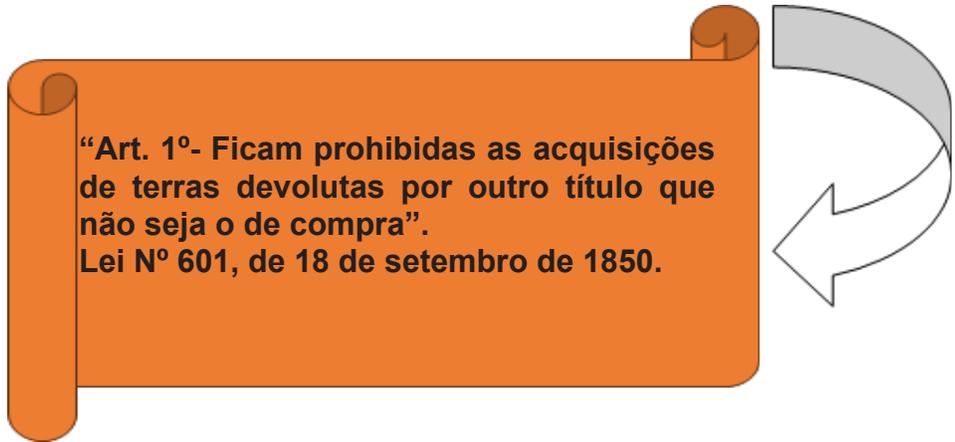
A posse da terra sempre foi um privilégio de uma elite branca dos ricos fazendeiros. Durante o Brasil Colônia (1500-1822) - o sistema de distribuição de terra no Brasil era o de **sesmaria**.



### **DICIONÁRIO**

**SESMARIAS:** eram grandes propriedades de terra, geralmente de 3 léguas de comprimento e 1 légua de largura, concedida de graça pelo capitão-mor da capitania aos ricos latifundiários para montarem fazendas de açúcar, gado, algodão etc. Eram trabalhadas pelos negros escravizados

Durante o Brasil Império, em 1850, foi assinada pelo imperador D. Pedro II a **Lei de Terras** que, entre outras coisas, definia o seguinte:



Na época das sesmarias, as terras eram concedidas de graça aos latifundiários no Brasil. Já com a Lei de Terras, apenas quem tivesse dinheiro podia adquirir uma propriedade. Ou seja: os pobres, imigrantes, ex-escravizados, continuaram sem-terra, visto que não possuíam dinheiro necessário para adquirir tais propriedades.

Com a República (1889-2020) o que vemos é uma profunda desigualdade fundiária no Brasil, concentração de terra, conflitos e assassinatos no campo.



Fonte: Jornal Brasil de Fato, 5/junho/2020.



Fonte: elaboração dos autores com base em dados do INCRA (2019).

Fonte: CATTELAN; MORAES; ROSSONI, 2020.

É preciso reconhecer que as terras tituladas para a reforma agrária no Brasil não são presentes de governos, mas

conquistas resultantes da luta da classe trabalhadora e dos movimentos sociais do campo durante toda a História.

O placar das titulações oscila bastante. Cresceu um pouco durante o primeiro mandato de Fernando Henrique e o primeiro mandato do governo Lula na presidência da República. Durante o governo Dilma houve uma queda na quantidade de famílias assentadas e depois do golpe de 2016 caiu mais ainda com o governo Temer, o presidente que menos assentou famílias sem-terra nos últimos 24 anos.

Atualmente, a pauta da reforma agrária conta com oposição aberta do governo Bolsonaro, que não esconde seu ódio e sua tentativa de criminalização do MST.

De modo geral todos os governos- (federal, estaduais e municipais) -têm suas campanhas financiadas pelo agro-negócio e estão aliados e comprometidos com os interesses representados pela bancada ruralista do boi. Por isso, apenas a luta de classe realizada pelos trabalhadores sem-terra, organizados em seu movimento, pode mudar os rumos da História em favor dos camponeses.

Ocupar, resistir, desapropriar para se construir um outro modo de vida no campo continua sendo o desafio do campesinato. A terra deve ser coletiva e a riqueza dela retirada, distribuída igualmente para todos. Esse é um grande desafio histórico.



# 2

## A LUTA CAMPONESA NO DECORRER DA HISTÓRIA DO BRASIL

### POVOS ORIGINÁRIOS (INDÍGENAS)



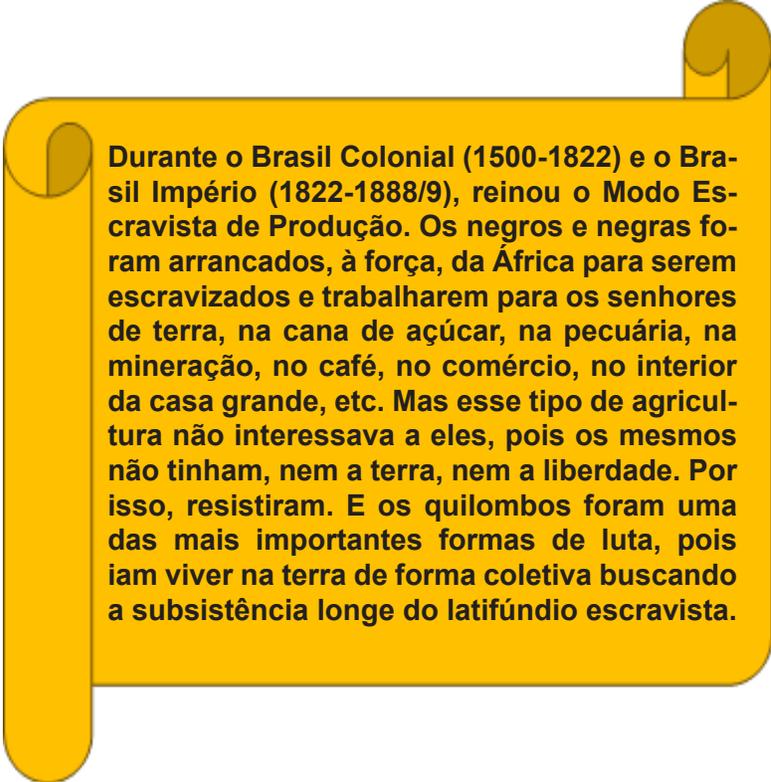
Fonte da imagem: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/09/povos-indigenas-protestam-por-demarcacao-de-terras-nesta-terca-feira-9-em-belo-horizonte-mg>

Desde a invasão, conquista e colonização do Brasil pelos portugueses, em 1500, os povos originários lutaram contra o latifúndio agroexportador e escravista. Algumas tribos se aliaram aos colonizadores como forma de sobrevivência, depois da derrota para os brancos portugueses. Contudo, muitas outras tribos enfrentaram a espada do colono e o terço do missionário, resultando em um genocídio, seja por contágio de doenças epidêmicas ou assassinados nas guerras contra os colonizadores. Ainda hoje, os povos indígenas continuam defendendo a posse da terra como um meio de subsistência cujo modelo de agricultura visa atender as necessidades das tribos e não produzir gêneros agrícolas visando o lucro capitalista. Se no passado lutaram contra o ESCRAVISMO, hoje lutam contra o agronegócio CAPITALISTA, enfrentando a ação criminosa de madeireiras, garimpeiros e grandes pecuaristas. Contudo, continua viva a luta do povo do campo, dos rios e das florestas, símbolo de resistência ao capitalismo e ao racismo.

## QUILOMBOS



Fonte da Imagem:[https://m.facebook.com/julianacardosopt/posts/2658395217571293/?refsrc=deprecated&\\_rdr](https://m.facebook.com/julianacardosopt/posts/2658395217571293/?refsrc=deprecated&_rdr).

A yellow scroll graphic with a white border, featuring a rolled-up top edge and a tail at the bottom. The text is centered on the scroll.

**Durante o Brasil Colonial (1500-1822) e o Brasil Império (1822-1888/9), reinou o Modo Escravista de Produção. Os negros e negras foram arrancados, à força, da África para serem escravizados e trabalharem para os senhores de terra, na cana de açúcar, na pecuária, na mineração, no café, no comércio, no interior da casa grande, etc. Mas esse tipo de agricultura não interessava a eles, pois os mesmos não tinham, nem a terra, nem a liberdade. Por isso, resistiram. E os quilombos foram uma das mais importantes formas de luta, pois iam viver na terra de forma coletiva buscando a subsistência longe do latifúndio escravista.**

**CABANAGEM (1835-1840)**  
**Memorial da Cabanagem**  
**(Belém-Pará)**



Fonte da Imagem:<http://portalparamazonia.blogspot.com/2016/05/memorial-da-cabanagem-em-belem.html>.

**Revolta popular ocorrida na Região Amazônica, cujos trabalhadores eram ligados à terra, ou por meio da plantações e criação de gado ou coletores dos produtos das florestas ou dos rios e algumas etnias indígenas, todos contra o mandonismo dos grandes proprietários exportadores de madeira, cacau, látex, castanha, de comerciantes e do Estado autoritário. Os cabanos tomaram o poder em Belém e instauraram um governo seu, liderado por Antônio Vinagre e depois Eduardo Angelin. Por outro lado, navios de guerra aportaram no porto e bombardearam a cidade de Belém. Vale ressaltar que a revolta não se restringiu à cidade, uma vez que seu desenrolar se deu igualmente no campo e às margens dos rios. Inclusive, dos 30 mil assassinados, uma pequena minoria residia nas cidades. Outros fugiram para as matas ou foram degredados.**

**BALAIADA (1838-1841)**

**Memorial da Balaiada  
(Caxias-Maranhão)**



**Fonte da Imagem:[https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2053362-d-4376206-i209173052-Balaiada\\_Memorial-Caxias\\_State\\_of\\_Maranhao.html](https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2053362-d-4376206-i209173052-Balaiada_Memorial-Caxias_State_of_Maranhao.html)**

**Revolta popular camponesa ocorrida nas províncias do Maranhão e Piauí, lideradas por vaqueiros, artesãos, lavradores, escravos, mestiços, indígenas contra o poder político e econômico dos grandes proprietários de terra e escravos, comerciantes e autoridades provinciais que se beneficiaram da Proclamação da Independência, em 1822. Os rebeldes também resistiam ao recrutamento forçado para as fileiras militares e as péssimas condições de vida. Seus líderes populares foram o vaqueiro Raimundo Gomes, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira (o fabricante de balaios), Cosme Bento das Chagas (o “Preto Cosme”, escravo fugido).**

## **RONCO DA ABELHA (1851-1852)**

Conhecido nos Anais da História como Ronco da Abelha ou Guerra dos Maribondos, teve início nos últimos dias de 1851 e se estendeu pelos primeiros meses do ano seguinte, 1852. Além da Paraíba e Pernambuco, aonde o movimento se originou, atingiu outras províncias, hoje estados, vizinhos. O ritual foi mais ou menos o mesmo: grupos de populares - unidos e barulhentos como um enxame de abelhas e ameaçadores como um ataque de maribondos - tendo geralmente, à frente, lideranças anônimas saídas de seu próprio meio de origem social, se apresentam com palavras de ordem em dias de feiras, igrejas e arredores, confrontando autoridades e proprietários.

**Numa época em que as condições de vida dessa gente se agravavam ainda mais, com o monopólio da terra nas mãos de poucos, consolidado definitivamente com a chamada Lei de Terras, e o fim do Tráfico negreiro internacional para o Brasil, ambas as medidas aprovadas pelo Governo Central em 1850, tendo à frente o Imperador Dom Pedro II, os populares temiam perder a precária liberdade que ainda gozavam e, por conseguinte, serem transformados pura e simplesmente em cativos, numa época em que os poucos trabalhadores escravizados da região estavam sendo vendidos para as lavouras cafeeiras do centro-sul.**

Para agravar ainda mais o quadro, foi decretado o Registro civil de nascimento e óbitos e o recenseamento populacional, atividades essas durante séculos sob o comando dos padres e que, a partir de então, passavam a se realizar nos cartórios, geralmente em mãos dos proprietários locais ou prepostos seus. Por isso que os revoltosos, não sem razão, denominaram essas benditas leis de “papéis do cativoiro”, arrancando-as dos lugares aonde eram afixadas e em seguida queimando-as em lugares públicos, para, enfim, gritarem a plenos pulmões “abaixo a lei do cativoiro”. Os embates e a reação popular foram de tal magnitude que governo e autoridades voltaram atrás e suspenderam os respectivos decretos.

## QUEBRA-QUILOS (1874-1875)

Feira de Fagundes-PB (1875)



<https://aventurasnahistoria.uol.com.br>

Monumento a João Carga D'Água  
(Campina Grande-PB)



Fonte: <http://aventurasdavidacomum.blogspot.com.br>

Há quem ainda hoje acredite, especialmente em tempos de negacionismo histórico, que o povo brasileiro é de índole pacífica. Não, definitivamente, a História do Brasil não foi (nem é) o “mar de rosas” que pintaram para muitas gerações de brasileiros e brasileiras que em algum momento de suas vidas passaram pelos bancos escolares ou outros espaços informais de produção, circulação e transmissão do conhecimento. Ao contrário, nossa história é cheia de espinhos, é muito mais contraditória do que se possa imaginar à primeira vista. Se, por lado, ela é atravessada por muita violência praticada por nossa classe dominante e seu Estado, ela é feita também de muitos embates e resistências por parte dos grupos e classes subalternos.



Pouco mais de duas décadas após a eclosão do Ronco da Abelha, as províncias do Norte do Império foram conflagradas por novos acontecimentos sediciosos. No dia 31 de outubro de 1874, um sábado de feira, grupos de populares, comandados por João Viera da Silva, vulgo João Carga D' Água, invadiam vilas e cidades, destruindo os padrões do sistema métrico decimal recém impostos aos pobres, incendiavam repartições públicas, arrombavam cadeias e atacaram autoridades e proprietários locais, para, em seguida, desaparecer de cena de forma tão espetacular como haviam aparecido. Desta vez, a palavra de ordem que ecoou mais fortemente foi de “quebra os quilos”, alcunha que acabou dando nome ao movimento, já que os símbolos do novo sistema métrico decimal de origem francesa (baseado no metro, quilo e litro, e não mais na cuia, na vara e na braça, estas últimas originárias da Península Ibérica e trazidos pra cá pelos portugueses) se transformaram no alvo principal da ira coletiva.

Nesse sentido, a Paraíba, como parte da história do Brasil, foi palco de dois grandes movimentos populares, em pleno século XIX, que contou em suas bases sociais com a participação de grupos indígenas destribalizados, desertores de forças policiais, libertos, escravos, moradores, meeiros, agregados, sitiante, feirantes, foreiros, moradores, enfim, a grande massa de deserdados da terra do espoliador sistema escravista então em vigor.



### **RESISTÊNCIA**

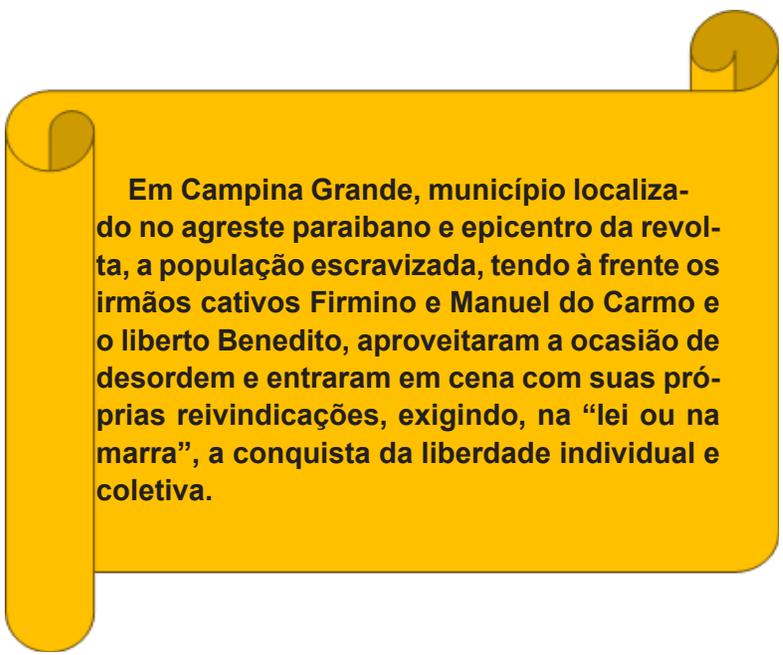
Foi contra esse estado de coisas que os populares reagiram, pois esse conjunto de medidas ameaçava desmoronar o seu mundo tradicional, trazendo mais dor e sofrimento para a vida dos pobres da região. Iniciado na Paraíba, o movimento logo se espalhou, qual rastilho de pólvora, por Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, Ceará e outras províncias, chegando a ter repercussão na Corte, o Rio de Janeiro, Capital do então Império do Brasil.

Essas mudanças “modernizadoras” postas em prática pelo Estado imperial e setores das classes proprietárias se chocavam com o mundo tradicional das camadas populares do campo e da cidade, gerando assim reações difusas. Esse quadro se materializava em medidas impostas de cima para baixo, tais como a substituição dos mencionados padrões de pesos e medidas, a criação e aumento de novos impostos, a intensificação da exploração do trabalho, a repressão aos “de baixo”, a carestia, a nova lei do recrutamento militar, dentre outras medidas autoritárias.

### **AÇUDE VELHO (CAMPINA GRANDE - DÉCADA DE 1950) - LOCAL ONDE OS REVOLTOSOS DO QUEBRA QUILOS ATIRARAM PESOS E BALANÇAS**



<http://cgretalhos.blogspot.com/2011/03/memoria-fotografica-acude-velho-decada.html#.ZAqAAXbMK70>.

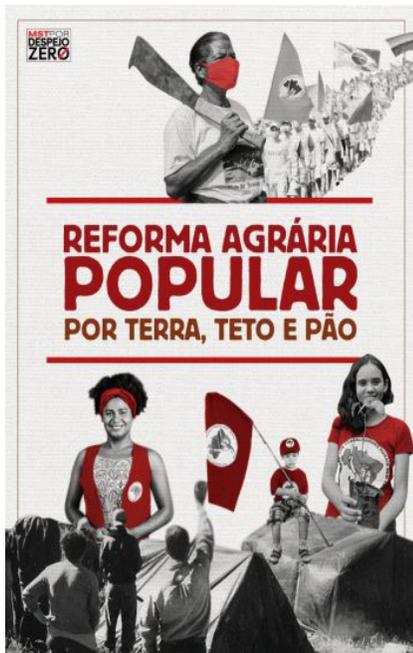
A yellow scroll graphic with a white border, featuring a rolled-up top edge on the right and a hanging bottom edge on the left. The text is centered within the scroll.

**Em Campina Grande, município localizado no agreste paraibano e epicentro da revolta, a população escravizada, tendo à frente os irmãos cativos Firmino e Manuel do Carmo e o liberto Benedito, aproveitaram a ocasião de desordem e entraram em cena com suas próprias reivindicações, exigindo, na “lei ou na marra”, a conquista da liberdade individual e coletiva.**

Diante de tamanhas ameaças sociais e políticas, os grupos dominantes e autoridades a seu serviço se rearticularam num momento de extremo perigo para fazer valer seus interesses de classe, pondo em prática uma verdadeira operação de guerra para combater os revoltosos, expresso em perseguição arbitrária, julgamento sumário, uso de tortura, como o infame colete de couro, o emprego de armamentos pesados, como canhões etc. Em que pese a violenta repressão que se verificou, vistos em perspectiva tanto o Ronco da Abelha e o Quebra-Quilos não foram de todo derrotados, contribuindo com suas ações para o desmoronamento da ordem imperial e escravista, embora o que tenha vindo em

seguida ao 13 de maio de 1888 não tenha sido exatamente o que a maioria dessa gente pobre, preta e trabalhadora imaginou.

Graças à força da tradição oral, numa região em que a maioria da população vivia no campo e era analfabeta, essas histórias resistiram ao tempo e assim puderam chegar aos ouvidos, corações e mentes das gerações subsequentes. Não por acaso João Pedro Teixeira, um dos principais líderes das Ligas camponesas paraibanas fundadas entre finais dos anos 1950 e começo dos anos 1960, costumava frequentar as feiras locais, como outrora fizera seu antepassado João Carga D'Água, para conversar e convencer seus camaradas de classe e raça a participar das grandes manifestações de rua, no campo e na cidade, em favor da reforma agrária e contra a violência e o arbítrio dos latifundiários capitalistas do chamado grupo da várzea, donos dos Engenhos, das Usinas e da máquina repressora do Estado. Também não é coincidência o fato de que o MST-PB (Movimento dos Sem Terra) tenha denominado um de seus acampamentos/asentamentos, localizado na circunvizinhança de Campina Grande, justamente com o nome de Quebra-Quilos.



Uma prova a mais de que nenhuma história é em vão, mesmo que momentaneamente incompreendida, esquecida e vilipendiada pela memória dos vencedores. Movimentos populares do passado, a exemplo do Ronco da Abelha e do Quebra-Quilos, nos ensinam que a luta por pão, terra, trabalho, liberdade e o direito a sonhar por um mundo sem exploração nem opressão, sem amos nem escravos, continua de pé e na ordem do dia.

## GUERRA DE CANUDOS (1893-1897)



Fonte da Imagem:<https://tribunadaimpressalivre.com/a-guerra-de-canudos-07-11-1896-05-10-1897-um-genocidio-que-nao-deve-ser-excluido-de-nossa-memoria/>.

Guerra camponesa liderada pelo beato Antônio Conselheiro, nos sertões da Bahia. Homens e mulheres pobres do campo, fugindo do latifúndio e do coronelismo, ocuparam a antiga Fazenda de Belo Monte, constituindo uma população em torno de 20 mil pessoas. Viviam em um regime de comunitarismo no qual tudo que produziam era destinado a subsistência de todos que lá se encontravam. A Igreja Católica, não aceitando a religiosidade popular de Conselheiro, tratou, imediatamente, de pôr um fim naquela comunidade. Não conseguindo, vieram os aparelhos repressivos do Estado, tanto a Polícia Militar da Bahia como as Forças Armadas federais, portando canhões e metralhadoras contra camponeses armados de pau e enxada. Foram enviadas quatro expedições para destruir Canudos. As três primeiras foram derrotadas, mas a quarta e última, em 1897, destruiu o sonho de liberdade daqueles pobres do campo.

## GUERRA DE CONTESTADO (1912-1916)



Fonte:<https://beduka.com/blog/materias/historia/o-que-foi-a-guerra-do-contestado/>.

**Guerra camponesa travada no planalto catarinense, em uma região disputada pelos estados do Paraná e Santa Catarina. Inicialmente, o movimento foi se organizando em torno do beato João Maria e depois José Maria. Depois da morte de José Maria, os camponeses de Contestado acreditavam no seu retorno como um messias e continuaram lutando liderados por civis como Chiquinho Alonso e Adeodato. Estabeleceram várias “cidades santas” nas quais praticavam um comunismo caboclo, no qual todos os alimentos eram da irmandade; os casebres não podiam ser comprados, nem vendidos e desenvolviam práticas comunitárias de subsistência. O perfil social dos rebeldes, chamados à época de “caboclos” eram os habitantes pobres do meio rural, pequenos lavradores, posseiros, peões, moradores, trabalhadores da erva-mate, desempregados após a construção da estrada de ferro que ligava a região Sul à São Paulo. O alvo principal dos camponeses eram as empresas estadunidenses construtoras da estrada que receberam do governo 15 Km de terra às margens da estrada, expulsando trabalhadores; os latifundiários e grileiros de terra, os governos estaduais e federal, imigrantes estrangeiros. Depois de dominarem quase todo o planalto, foram derrotados pelas forças policiais e a intervenção federal.**

## REVOLTA DO CALDEIRÃO (1926-1938)



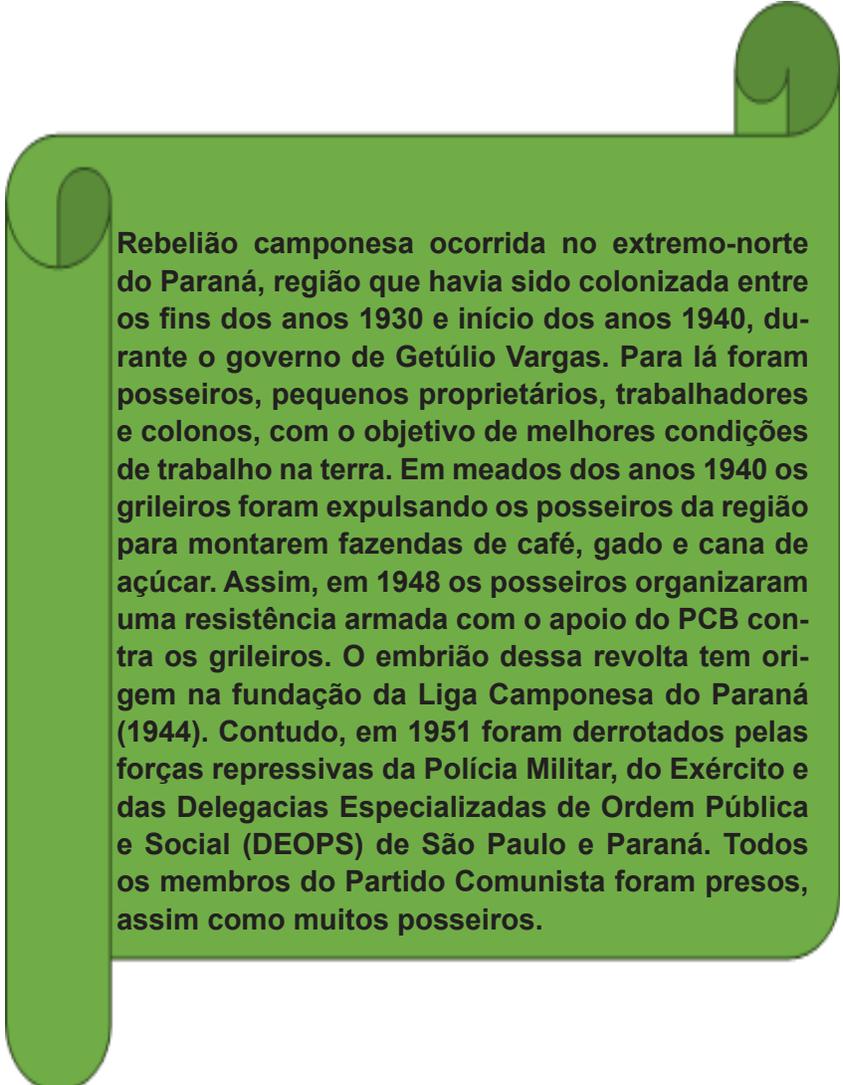
Fonte:<https://www.brasilcultura.com.br/menu-de-navegacao/sociologia/ouca-historia-hoje-1005-massacre-a-comunidade-de-camponeses-do-ceara-completa-79-anos/>.

Revolta camponesa ocorrida no estado do Ceará, liderada pelo beato José Lourenço. Em 1926 eles se estabeleceram no sítio Baixa Dantas sob orientação de Padre Cícero. Lá construíram uma comunidade baseada em princípios de trabalho e produção coletiva. Os camponeses e camponesas que para lá migraram relatam um tempo de fartura e felicidade, longe do mandonismo dos coronéis da terra, dos políticos corruptos e das forças policiais. Com a morte do Padre Cícero, em 1934, os padres Salesianos, proprietários do sítio, ajudaram as tropas militares expulsarem os camponeses de Caldeirão. Em 1936 a força policial do Ceará enviou um destacamento militar para acabar com Caldeirão. Invadiram, prenderam e destruíram plantações, mataram animais, destruíram casas. Muitos foram enviados para a capital para serem interrogados pelo Departamento de Ordem Política e Social (DE-OPS), acusados de comunistas. O beato José Lourenço fugiu antes da invasão. Os remanescentes fugiram para o Crato. Em 11 de maio de 1937 o governo Getúlio Vargas, a Polícia Militar, com 200 homens e dois aviões os atacaram na Serra do Araripe assassinaram mais de mil camponeses e enterraram em valas comuns.

## REVOLTA CAMPONESA DE PORECATÚ (1948-1951)



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2017/10/11/revolta-dos-posseiros-no-sudoeste-do-parana-uma-vitoria-do-povo>.



Rebelião camponesa ocorrida no extremo-norte do Paraná, região que havia sido colonizada entre os fins dos anos 1930 e início dos anos 1940, durante o governo de Getúlio Vargas. Para lá foram posseiros, pequenos proprietários, trabalhadores e colonos, com o objetivo de melhores condições de trabalho na terra. Em meados dos anos 1940 os grileiros foram expulsando os posseiros da região para montarem fazendas de café, gado e cana de açúcar. Assim, em 1948 os posseiros organizaram uma resistência armada com o apoio do PCB contra os grileiros. O embrião dessa revolta tem origem na fundação da Liga Camponesa do Paraná (1944). Contudo, em 1951 foram derrotados pelas forças repressivas da Polícia Militar, do Exército e das Delegacias Especializadas de Ordem Pública e Social (DEOPS) de São Paulo e Paraná. Todos os membros do Partido Comunista foram presos, assim como muitos posseiros.

## REVOLTA CAMPONESA DE TROMBAS E FORMOSO

(1954-1964)



Fonte:<https://nossocatalao.blogspot.com/2009/08/trombas-e-formoso.html>.

**Revolta de posseiros de Trombas e Formoso, ocorrida no estado de Goiás, na qual camponeses pegaram em armas para defender suas permanências em terras devolutas, no estado de Goiás. Lideradas por José Porfírio, as dezenas de famílias de camponeses ocuparam a região durante os anos 1940 durante a ditadura de Getúlio Vargas e a expansão da fronteira agrícola para o oeste do país. Os fazendeiros não aceitavam os posseiros ocupando aquelas terras. A tensão aumentou quando grileiros chegaram à região com documentos forjados de propriedade das terras, tentando expulsar os camponeses de lá. A partir de 1954 os camponeses ganharam a parceria do PCB para organizar a resistência. Os posseiros se armaram e também criaram a Associação dos Lavradores de Trombas e Formoso e os Conselhos dos Córregos, de acordo com o curso d'água que cada família morava. Tudo funcionava muito bem para os posseiros, faltando-lhes o título de propriedade da terra. Na década de 1960, sob a liderança de José Porfírio, também deputado estadual, foi intensificada a luta de classe para que o governo de Goiás tomasse providências sobre as desapropriações. Em 1962, 20 mil títulos foram concedidos aos posseiros. Com o Golpe de 1964, o movimento foi derrotado e dezenas de camponeses foram presos e torturados.**

# 3

## AS LIGAS CAMPONESAS (1940-1964)

### CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO

**DICIONÁRIO**  
**O QUE**  
**SÃO LIGAS CAMPONESAS?**



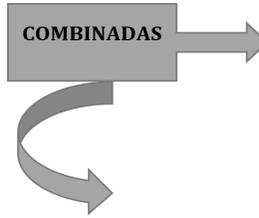
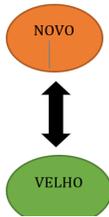
**Associações**  
**de camponeses regis-**  
**tradas em cartório como**  
**entidade civil na luta em**  
**defesa dos direitos do cam-**  
**pesinato**

Como vimos no capítulo anterior, os movimentos sociais do campo têm uma história secular de exploração e resistência. Contudo, a partir dos anos 1950 e 1960, ocorreu uma mudança significativa. As Ligas Camponesas, cujas primeiras delas foram organizadas, na década de 1940, pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), dão um salto de qualidade na luta de classe no campo brasileiro. E o Nordeste brasileiro causou preocupação ao bloco capitalista liderado pelos EUA no contexto da Guerra Fria, sobretudo, após a vitoriosa Revolução Cubana de 1959.



O desenvolvimento do capitalismo brasileiro ocorreu, combinando, relações de trabalho assalariadas, mas também se alimentando de velhas relações pré-capitalistas como o meeiro, o foreiro, o morador, o arrendatário, o cambão, dentre outras. Ambas, porém, são formas de exploração da burguesia sobre a classe trabalhadora para gerar lucros, concentração e acumulação de capitais em poucas mãos.

Cumprir destacar também que a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), assinada por Getúlio Vargas, em 1943, deixou os camponeses e camponesas de fora dos direitos trabalhistas. Salário mínimo nacional, jornal de trabalho de 8 horas, aposentadoria, pensão, férias, justiça do trabalho, nada disso chegou às mãos do campesinato.



**Relações assalariadas**  
(o trabalhador possui força de trabalho e vende ao burguês por um salário)

## FOREIRO



O trabalhador sem-terra, arrenda um pedaço de terra do fazendeiro para plantar milho, feijão, batata, abóbora, etc, e paga um valor chamado FORO, pelo uso da terra. Esse valor é estabelecido pelo latifundiário, chegando, muitas vezes, a ser aumentado constantemente.

## CAMBÃO



O trabalhador sem-terra mora nas terras do latifundiário, arrenda um pequeno pedaço para produzir o necessário à subsistência da família, de modo que tem que trabalhar 2, 3 ou até 4 dias de graça na plantação do fazendeiro. Ex: uma família trabalha 1 ou 2 dias na parte que arrendou e 2, 3 ou 4 na usina, de graça, plantando e moendo cana.

## MORADOR



O morador recebe do proprietário um pequeno roçado para cultivar e tem obrigação de trabalhar para o patrão sempre que for chamado. Geralmente trabalha três dias para o patrão (morador de condição) recebendo pequena diária. Quando sobrava tempo, trabalhava no roçado para a subsistência.

## MEEIRO



O trabalhador sem-terra, morando ou não na terra do latifundiário, após a safra colhida, metade é destinada ao trabalhador (pelo uso da terra do outro) e a outra metade é destinada ao proprietário da terra (que não trabalhou, mas recebe em função de ser o dono da terra).

## BARRACÃO



Estabelecimento comercial de propriedade do dono da usina ou outra fazenda. Os trabalhadores recebem um VALE em papel que o troca por alimentos no dito barracão muito mais caros do que no mercado fora do latifúndio. O trabalhador não recebe em dinheiro pelo trabalho superexplorado e depois ainda gera lucro ao fazendeiro quando compra produtos mais caros no barracão.

## A LIGA CAMPONESA DE GALILEIA (1954)



Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2019/01/galileia-e-a-luta-pela-sua-historia.html>.

Em 1954, no Engenho Galileia, no estado do Pernambuco, os camponeses criaram a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco. O objetivo inicial era ser uma associação na qual todos seus associados fizessem uma contribuição para a compra de um caixão destinado ao enterro dos trabalhadores quando de sua morte, uma vez que naquela época eles eram enterrados no chão com sete palmos de terra jogados sobre seus corpos.

Inicialmente, o proprietário do engenho aceitou o convite para ser presidente de honra da associação. Contudo, em seguida declinou do convite e juntamente com outros donos de engenhos passou a perseguir os camponeses. A associa-

ção foi proibida de existir. No entanto, agora, os camponeses mudaram sua finalidade: em vez de ser assistencialista para a hora da morte, ela passou ao enfretamento da luta de classe em defesa da vida e da liberdade em relação ao latifúndio. Em 1959, depois de muita resistência, o Engenho de Galileia foi desapropriado pelo então governador de Pernambuco Cid Sampaio. Agora, a terra era de todos e, Galileia, tornava-se uma referência para os camponeses brasileiros.

Um dos grandes nomes que se juntou à Liga Camponesa de Galileia foi o advogado Francisco Julião.

Fonte da Imagem:<https://mst.org.br/2015/02/18/francisco-juliao-um-eterno-lutador-da-reforma-agraria/>.



Francisco Julião era advogado e se tornou deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), em 1954, sendo reeleito em 1958. Foi um aguerrido militante junto às Ligas Camponesas, seu presidente de honra, com sua famosa palavra de ordem: “REFORMA AGRÁRIA: NA LEI OU NA MARRA”. Com o Golpe de 1964 e a instalação da Ditadura Militar, Julião foi preso e, em 1965, exilado no México.

Em 1961 foi realizado o Primeiro Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), na cidade de Belo Horizonte.

## **LIGAS CAMPONESAS LIGADAS AO PCB (PRESTES)**

**Reforma agrária na linha das Reformas de Base do governo João Goulart, no terreno da lei e do parlamento, sem a revolução socialista naquele momento.**

## **LIGAS CAMPONESAS LIGADAS A FRANCISCO JULIÃO**

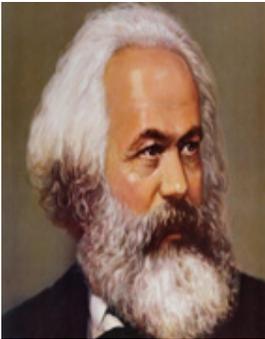
**Na década de 1960, apostavam no modelo revolucionário cubano, baseado na guerrilha no campo e a revolução agrária já!**

As ligas se organizaram em vários estados do Brasil, a exemplo de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso, Acre e Brasília.

## LUTA DE CLASSES E CONSCIÊNCIA DE CLASSE



### KARL MARX



**LUTA DE CLASSES:** são todas as ações da classe dominada, explorada e oprimida contra a classe dominante e proprietária das riquezas do mundo; **CONSCIÊNCIA DE CLASSE:** durante o processo da luta de classes, os trabalhadores dos mais diferentes ramos da produção e dos mais diversos recantos do país se unificam e constroem uma consciência de que fazem parte de uma mesma classe social cujos interesses e projeto social é, profundamente, diferente da classe que lhe domina. A construção da consciência e da identidade de classe é feita por oposição à classe dominante, identificada como seu inimigo.

As Ligas Camponesas constituíam algo novo na luta de classe do campesinato brasileiro. No processo de luta, os camponeses e camponesas construíram uma consciência de classe e passaram a ameaçar a estrutura agrária brasileira ao postular projetos de reforma agrária quebrando, assim, o secular monopólio da terra.

# 4

## CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CAMPONESES PARAIBANOS NO MUNDO DO AÇÚCAR (1950/60)

As condições de vida e trabalho dos camponeses e camponesas paraibanos no contexto açucareiro de trabalho em engenhos ou nas usinas, nos períodos de 1950-1960, pode se explicar por condições sub-humanas de trabalho e exploração.

**ENGENHO**

**USINA**



<https://ensinarhistoria.com.br/>



<http://memorialdademocracia.com.br/>

A partir dos anos 1950, com o surgimento de usinas, alguns engenhos não conseguiram se modernizar a ponto de também se transformarem em usinas. São os engenhos que vão apenas plantar a cana e vender para as usinas fabricarem açúcar ou vão arrendar suas terras para os usineiros. Dessa forma, a classe dominante na região açucareira paraibana era dividida em duas frações: senhores de engenho e usineiros. Os senhores de engenho, ao mesmo tempo em que explorava os camponeses, por outro lado, eram dependentes dos donos das usinas para os quais vendiam a cana-de-açúcar ou arrendavam o engenho.

Seu Antônio Joaquim era um **morador foreiro** que trabalhava nas terras de um engenho na zona da mata paraibana. Como resultado, ao morador lhes era concedido um pedaço de terra, no qual ele teria que cuidar e produzir para a subsistência da família, mas também trabalhando no canavial do senhor de engenho de graça para o patrão.

Na “roça” arrendada, parte da produção era do patrão e parte era do camponês e sua família, na maioria dos casos. Porém, nestas condições muitos sentiam-se “satisfeitos”, pois tinham posse de um pedaço de terra concedido e trabalhava no canavial quando lhes era pedido. Contudo, não era todos os dias que os camponeses deveriam trabalhar de graça nas terras do patrão (“CAMBÃO”), e o mesmo ainda poderia ficar com pequena parte daquilo que produzia na roça arrendada.

Antônio Joaquim, foreiro, morador na zona da mata paraibana na década de 1950



“E era assim que nós vivia, combinado, no dia que ele precisava, pronto! Ele mandava me chamar e eu ia. Às vezes, eu até esquecia que aquela terra não era minha, porque era como se fosse, entende? Ali num tinha vigia, num tinha condição, num tinha aperto. Eu cumpria o acordo, pagava o foro, e quando precisava, trabalhava no engenho. Mas não era esse negócio de ser todo dia da semana, era alguns dias. Era assim, tudo no respeito daquele acordo que nós fazia quando entrava na propriedade para pedir morada”. (RANGEL, 2006, P. 457)

<https://canal.cecierj.edu.br/recurso/2823>.

Até então, Seu Antônio, mesmo sem terra e sendo explorado, aprovava esse modo de vida no qual trabalhava dias na roça para a subsistência da família e poucos dias de graça no canavial do senhor, (“O CAMBÃO”). Contudo, a década de 1950 foi caracterizada por mudanças nas formas de dominação e exploração estabelecida entre latifundiários e camponeses. Agora, com as terras cada vez mais nas mãos das usinas, os proprietários de engenho passaram a cobrar mais dias de “CAMBÃO” e aumentar o pagamento do FORO. Escutemos, mais uma vez, a palavra do camponês **Antônio Joaquim:**



“Foi de quando chamaro nós pra dizer que o foro tava muito baixo [...] e que ia aumentar. Aí aumentaram o foro. Foi o primeiro sinal. Daí pra aumentar os dia de cambão foi um pulo, que o home queria plantar cana de novo pra vender pras usina. Aí já viu, né? Nós já tava sentindo uma pontinha de injustiça. Era foro alto, era cambão de mais dia. Era o sinal. Quando foi um dia veio o patrão pessoalmente na minha casa com uma conversa mole de que precisava de terra pra plantar cana, que o preço tava bom, e tal e tal. E eu ali só escutando com o coração apertado. Quando ele me ofereceu outra roça mais longe e disse que eu podia ficar na casa, que ele só precisava do sítio, e que ele num queria que eu saísse por causa que gostava do meu trabalho, que eu sempre fora correto com ele, essas coisas”. (RANGEL, 2006, P. 458)

<https://canal.cecierj.edu.br/recurso/2823>.

Seu Antônio Joaquim e família, mesmo insatisfeitos deixaram o sítio arrendado e partiram para o outro prometido pelo patrão.

## SEU ANTÔNIO JOAQUIM



“Que jeito eu tinha pra dá? A terra era dele e ele tava precisando. Concordei, mas pedi a ele pra deixar eu colher aquela safra, que já tava quase no tempo, e ele deixou, num fez confusão por isso, não. E nós marcamo um prazo pra eu entregar o sítio. Daí fomos olhar o outro chão que ele queria me dar. Fomos eu, ele, o meu menino mais velho e o administrador. Era terreninho fraco, viu? Longe e, por cima de tudo, coberto de mato, mas eu enfrentei que eu nunca tive medo de careta, não. Bem, pra encurtar a conversa, pelejei naquela terra mais uns dois anos, mas era difícil. Era terra ruim, cheia de cascalho e longe. Só pra chegar era uma estirada. O foro continuava alto. Não era tão alto quanto o do sítio, mas era alto e com a produção pouca não dava de pagar. Aí eu desisti do roçado e fiquei só morando na casa e dando a condição, eu e mais os meninos mais velhos”. (RANGEL, 2006, P. 458/59)

<https://canal.cecierj.edu.br/recurso/2823>.

Na verdade, eles estavam passando por um processo de desmantelo daquela condição anterior de **morador foreiro**. E, assim, terminaram por se submeter ao **trabalho assalariado** na produção açucareira que geraria lucros aos capitalistas da Várzea do Paraíba.

Os camponeses que viviam com suas famílias na condição de **moradores foreiros**, tiveram suas plantações arrasadas, os donos de terra forçando-lhes a desocupar os espaços os quais produziam, para substituir por grandes lavouras de cana. Antes, o agricultor com sua família que produzia nas pequenas plantações concedidas em troca do foro e do cambão, são postas agora para grandes plantações de cana, tendo uma foice e facão para cortar cana, do nascer do sol até o anoitecer.

Seu Severino também era **morador foreiro** e tinha a concessão de uma área de terra para plantar milho, feijão, mandioca, tudo de meia com o patrão. Pelo uso da terra, pagava o foro.

Porém, nos anos 1950 também passou a sofrer com a modernização capitalista trazida com as usinas. Escutemos da boca do próprio camponês:

## SEU SEVERINO



“Foi de quando em 50, 51, 52, o açúcar começou a subir, as usina trabaia-va de dia e de noite. De longe, a gente via aquela fumaceira toda hora e ficamo sabendo que só a terra das usina já num dava conta de plantar as cana que precisava, e o patrão arrendou as terra pra usina. No começo, não mudou muito não, o administrador era o mesmo cabra, e só aos pouquinhos foi que mudou. Primeiro, foram diminuindo os sítio dos morador de condição pra plantar cana e era aquilo, pra onde se olhava só via cana, lá nos terreno mais perto do engenho. O castelo, que vivia quase vazio, se encheu de trabaiaador alugado e nós vendo aquilo tudo acontecer, assim de repente. E fomo ficando assim, prevenido.” (RANGEL, 2006, P. 460/61)

Seu Joaquim foi chamado pelo administrador da propriedade e comunicado do aumento do pagamento do FORO. Ele chegou ao final do ano sem condições para o pagamento total do mesmo. Assim como Seu Antônio Joaquim, o modo de vida de **morador foreiro** de Seu Severino e família estava sendo transformado para pior. Seus três filhos foram trabalhar na condição de **assalariado** para a usina que havia arrendado o engenho na qual Seu Severino e família morava e trabalhava. Para piorar a situação, o administrador lhe pe-

diu parte das terras do sítio arrendado, pois precisava para plantar cana.

## SEU SEVERINO



“Foi quando veio a lapada final. Ele pediu o resto do sítio para plantar cana. A terra era muito boa, como eu lhe disse no começo pra senhora, e a ambição dele cresceu pra cima do meu canto. Aí não teve outro jeito a não ser enfrentar aquela desgraça todinha. E começou a peleja, que dali eu não podia sair, não, senhora, que eu tinha nascido e me criado naquelas terra, criado meus filho tudo e não podia sair, não, senhora. Foi quando um clarão alumiu o meu juízo e eu pensei: era tudo ou nada, era guerra mesmo. Fiquei ali até o fim. É isso que eu posso lhe dizer”. (RANGEL, 2006, P. 462)

A ganância capitalista trouxe consigo a dose brutal da repressão. E é da boca do próprio Seu Severino que podemos constatar:

## SEU SEVERINO



“Vi as roça sendo destruída. Os pé de banana, os pé de milho, os pé de feijão. Aqueles cachão de banana, já quase madurinha, e eles cortava assim, né, e ia amontoando num canto e depois metia a foice pra cima, que nem pra salvar as banana os desgraçado servia. Era a lei do cão, dona. Só podia ser. E eu ali vendo aquele dismantelo, meus óio num pode esquecer nunca. Pode, não. Eu nunca tinha posto os óio em cima de tanta desgraça, tanta miséria que num sei, até hoje não sei como meu coração não estourou. [...] O certo é que a terra tem o poder de distribuir, e prender a terra é inflamável para humanidade”. (RANGEL, 2006, P. 462)

A história do camponês na Paraíba na década de 1950, incorporou novas condições nas formas de trabalho e exploração, o mundo “se modernizava”, para os mais ricos, as novas tecnologias favoreciam aos mesmos para enriquecer cada vez mais. Os usineiros cada vez mais ricos, e cada vez as lavouras de cana tomando o lugar das plantações e florestas, pequenas propriedades daqueles pequenos agricultores que possuíam um pequeno pedaço de terra, foram tomados pela ganância dos produtores do açúcar que pensavam apenas na expansão e lucro para seu benefício e de sua família. Enquanto isso nos canaviais, crianças, adultos e

idosos estavam compondo as grandes massas que por todo Nordeste estavam sendo explorados nos canaviais.

O camponês, encurralado, não tinha opção a não ser entregar suas terras arrendadas, sem ter para onde ir, até mesmo sem ter lugar para trabalhar se submetia aos novos trabalhos que o patrão, o senhor de terras lhes mandavam. Tirando-os, primeiro dos melhores, “pedaços de chão”, mandava-os para os piores, e dos piores para os barracões de zinco, para que, junto com outros, muitos deixassem de ser agricultores para serem trabalhadores das usinas.

Vejamos agora a história de Seu Damião, morador de condição.

## SEU DAMIÃO



“Mas aí os tempos mudaram e arrojaram a condição. Era quase todo dia. Depois era todo dia e o ganho num aumentava, não, o que aumentava era a sujeição. Só sei lhe dizer que chegamo num estado tal, que dava a condição de domingo a domingo que nem cantiga de grilo, sem parar, e o roçado, cadê? (...) E nós, por causa da condição, que era demais, tava privado da alegria de prantar. E aquela situação foi me dando uma aflição danada, foi me chupando as esperanças tudo e eu pensava não era em mim, não, era nos meus fio pequeno, que naquele rumo que as coisas ia, não iam nunca ter o gostinho de ter um chão de terra, de trabaiair num sítio, prantar, trabaiair (...) O mundo parecia virado de cabeça para baixo. A palavra do home num valia mais nada e a terra se fechava pra nós como se fosse de aço e num tinha brecha pra penetrar, nenhum furinho”. (RANGEL, 2006, P. 466)

Diferente de Seu Antônio Joaquim e Seu Severino, Seu Damião era **MORADOR DE CONDIÇÃO**. Mas, afinal, qual a diferença?



**MORADOR FOREIRO:** o trabalhador mora e arrenda um pedaço de terra e paga o FORO ao dono da terra, além de trabalhar 1 dia de graça para o patrão em seu canavial, ou seja, o “CAMBÃO”

**MORADOR DE CONDIÇÃO:** o trabalhador tinha direito a um pequeno pedaço de terra para plantar alimentos para sua subsistência. Em troca, devia trabalhar na cana para seu patrão 4 ou 5 dias por semana (“CONDIÇÃO”). Para ter acesso a uma casa para morar era preciso que ele trabalhasse para o engenho ou a usina.

Embora as condições de vida e trabalho de Seu Antônio e Seu Severino eram, por eles, consideradas, relativamente, “quase libertos”, no caso de Seu Damião, desde cedo o grau de exploração patronal era maior. Com as usinas invadindo tudo, comendo terra e gente com a fome do capital, todos os três teriam sua vida piorada: não tinham mais acesso a um pequeno pedaço de terra para arrendar e alimentar a família, não tinha dinheiro para comprar terra e restava apenas trabalhar por miseráveis salários para encher os bolsos de usineiros. Outros, migraram para o Sudeste do país em busca de emprego nas cidades industrializadas.

# 5

## A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ-PB (1954-1958)

**CASA ONDE RESIDIRAM JOÃO PEDRO TEIXEIRA, ELIZABETH E FILHOS NO SÍTIO BARRA DE ANTAS- (ATUALMENTE, MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS)**



Fonte:<https://www.ligascamponesas.org.br/>.

### **CONTEXTO HISTÓRICO DE SAPÉ (1950/60)**

Para entender o processo histórico do surgimento da Liga Camponesa de Sapé, se faz necessário apresentar o contexto histórico no qual ela surgiu.

Segundo Maria Clyvia Martins dos Santos, na primeira metade do século XX, (1900-1950), na região da Zona-da-Mata paraibana ocorreu um processo de transformação de alguns engenhos em modernas usinas. A mais antiga delas era a de Cumbe, (Santa Rita-1910), adquirida, em 1922, pelo usineiro **Flaviano Ribeiro Coutinho**, passando a se chamar Usina Santa Rita.

Já em 1917, no município de Sapé, surgiu a Usina Bonfim, pertencente a **Gentil Lins**. Posteriormente, esta usina foi anexada a outras duas: Usina São Gonçalo, pertencente a **José Galvão de Mello** e a Usina Espírito Santo, de propriedade de **Adalberto Ribeiro**, ambas localizadas no município de Cruz do Espírito Santo. Essas três usinas foram compradas por **Renato Ribeiro Coutinho** e fundidas, dando origem à Usina Santa Helena, no município de Santa Rita.

Além delas, as Usinas São João e Santana também passaram a pertencer a **Renato Ribeiro Coutinho**, de modo que a concentração de terra era tão grande que apenas duas famílias, Ribeiro Coutinho e Veloso Borges dominavam praticamente todas as terras do litoral paraibano.

Com a chegada das usinas, praticamente ficou impossível que os camponeses pudessem manter um pequeno pedaço de terra para sobreviver. A usina tinha fome de terra para a monocultura açucareira. Ela não visava produzir alimentos para a mesa dos pobres do campo. Muitos pequenos sítios, agregados, foreiros e moradores, acabaram sendo expulsos das terras das usinas.

A região açucareira, às margens do Rio Paraíba, era dominada praticamente por dois grupos familiares, VELOSO BORGES e RIBEIRO COUTINHO, latifundiários e usineiros que formavam o chamado **GRUPO DA VÁRZEA**.



### **GRUPO DA VÁRZEA**

**VELOSO BORGES e RIBEIRO COUTINHO:** duas famílias praticamente dominavam toda a várzea do Rio Paraíba, possuindo fábrica de tecidos, engenhos e usinas. Também dominavam a política, ocupando cargos no governo do estado, na assembleia legislativa e no congresso nacional.

Segundo o censo do IBGE de 1960, o município de Sapé possuía 48.596 habitantes, dos quais 78,2% moravam no campo. Quanto às relações sociais de produção (ou relações de trabalho), apenas 5% eram trabalhadores assalariados, sendo os demais foreiros, moradores, agregados ou expulsos da terra para as cidades. Entre os meses de agosto e fevereiro era exigido um número maior de trabalhadores, pois era nesse período que ocorria o corte da cana. Nesse período, praticamente, os camponeses trabalhavam o tempo todo para os patrões. Já entre os meses chuvosos de março até setembro, eles trabalhavam três dias para o patrão (CAMBÃO) e o restante nas suas roças de subsistência.

Citando um relatório feito por Carneiro, Bernadete Aued afirma que na região de Sapé, 70% dos camponeses eram moradores, 15% eram rendeiros e foreiros, 10% eram de trabalhadores urbanos, sendo que 5% possuíam roçado arrendado e outros 5% não possuíam roçado.

**MUNICÍPIO DE SAPÉ**

Número de propriedades rurais por grupo de área e área média  
1950/1960

Grupo de Área (ha)	Estabelecimentos		Área por ha		Área Média	
	1950	1960	1950	1960	1950	1960
0 - 5	155	155	404	404	2,60	2,60
5 - 10	100	230	636	1.512	6,36	6,57
10 - 20	84	133	1.030	1.795	12,26	13,49
20 - 50	52	55	1.395	1.533	26,82	27,87
50 - 100	19	11	1.115	670	58,68	60,90
100 - 500	36	25	9.378	6.437	206,50	257,48
500 - 2.000	14	18	14.738	17.082	1.052,71	949,00
+ de 2.000	3	3	14.738	12.765	2.652,66	4.255,00
<b>Total</b>	<b>463</b>	<b>630</b>	<b>36.674</b>	<b>42.198</b>	-	-

Fonte: Sinopse Preliminar do Censo de 1960, citado por Carneiro, op. cit. p. 14.



Entre os anos de 1950 e 1960, apenas três estabelecimentos rurais aumentaram sua concentração de terra em (4.807 hectares). Ou seja: apenas os grandes latifundiários passaram a possuir muito mais terra.

Fonte: AUED, 1981.

Vamos observar, agora, essa concentração de terra por produto cultivado.

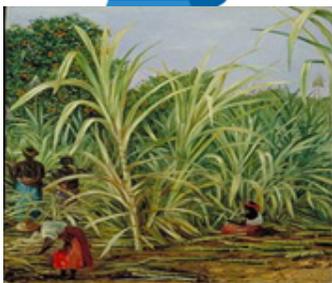
PARAIBA

MUNICÍPIO DE SAPE

Relação dos principais produtos agrícolas e quantidade  
1940/1960

Produtos Agrícolas	Quantidade (t)		
	1940	1950	1960
Cana de açúcar	19.551	50.158	182.750
Abacaxi*	-	12.180	17.880
Mandioca	6.263	11.395	13.613
Algodão	1.497	998	736
Batata doce	-	924	2
Feijão	304	421	44
Milho	251	494	50
Fava	-	107	-
Fumo	43	34	30

Fonte: FIBGE - Censo Demográfico de 1940, 1950 e 1960.



Comparando os anos 1940, 1950 e 1960, percebemos que o aumento na concentração de terra em poucas mãos ocorreu, em grande medida, na atividade econômica da produção açucareira. Por outro lado, houve uma diminuição de terra para os camponeses produzirem milho, feijão, batata e fava, produtos essenciais para sua subsistência.

Fonte: AUED, 1981.

## A POLÍTICA E O ESTADO DA CLASSE DOMINANTE

A Paraíba era governada por Pedro Gondim (1960-1965), um governador que, até onde pode, procurou conciliar os interesses dos latifundiários e camponeses das ligas. Se trata de um governo populista que dava declarações de apoio às ligas, mas que defendia os interesses da classe dominante.

Entre os anos de 1961 e 1963, o governador Pedro Gondim tentou se manter fiel aos trabalhadores e aos latifundiários. Contudo, não era mais possível a conciliação e a paz entre as classes. Entre o fim de 1963 e o início de 1964, sobretudo, com a chamada **“Tragédia de Mari”** o governo Gondim se afastara de qualquer defesa dos camponeses e tomara unicamente o partido dos grandes proprietários de terra.

# DICIONÁRIO



Downloaded from  
www.shutterstock.com  
Image ID: 1000000000

**“TRAGÉDIA DE MARI”**: conflito envolvendo camponeses, policiais militares e capangas das Usinas São João e Santa Helena, no município de Mari. Os camponeses se encontravam plantando milho e feijão em uma outra propriedade, pertencente a Nezinho de Paula, na estrada que liga Mari a Guarabira. Até que no dia 15 de janeiro de 1964 foram surpreendidos por agressores da Usina São João, acompanhados da polícia militar e três vigias da usina. Nesse momento, o governo Pedro Gondim, já pressionado pelos usineiros, mandara reprimir os camponeses. O desfecho foi a morte de 11 pessoas e várias saíram feridas. Foram mortos dois sargentos e um soldado da polícia militar, quatro funcionários das usinas e quatro camponeses. Um estudante, dois camponeses e um engenheiro da usina ficaram feridos.

A partir de então, o governo Pedro Gondim proibiu as gravações do Filme Cabra Marcado para Morrer, em Barra de Antas (Sapé) e mudou o comando da Polícia Militar da Paraíba que, sob a liderança do coronel Luiz de Barros, fora enviado para Sapé e Mari. Também proibiu comícios e ma-

nifestações na capital, João Pessoa, além de nomear oficiais anticomunistas para os órgãos de segurança no Estado.

Dessa forma, quando estourou o Golpe Militar de 1964, a Paraíba já estava em plena “ordem social” e sob a batuta autoritária da repressão e da violência contra os trabalhadores.

### **A FUNDAÇÃO DA LIGA DE SAPÉ (1954-1958)**

Segundo Bernadete Aued, a ideia inicial da fundação da Liga Camponesa de Sapé foi de João Pedro Teixeira e começou em 1954, na sua própria residência em Barra de Antas (hoje o Memorial das Ligas Camponesas). Organizada, inicialmente, no quintal de sua casa, se tornou visada e bastante fácil para os ataques dos latifundiários e da polícia. Por isso, não resistiu muito tempo.

Contudo, a ideia de João Pedro Teixeira ressurgiu quatro anos depois, desta feita na cidade de Sapé. A fundação da Associação dos Trabalhadores e Lavradores Agrícolas da Paraíba, mais conhecida como Liga Camponesa de Sapé foi fundada em meados de 1958 em reunião ocorrida no Grupo Escolar Estadual Gentil Lins. Agora, na cidade, a liga buscava apoio de pessoas de fora das fazendas.

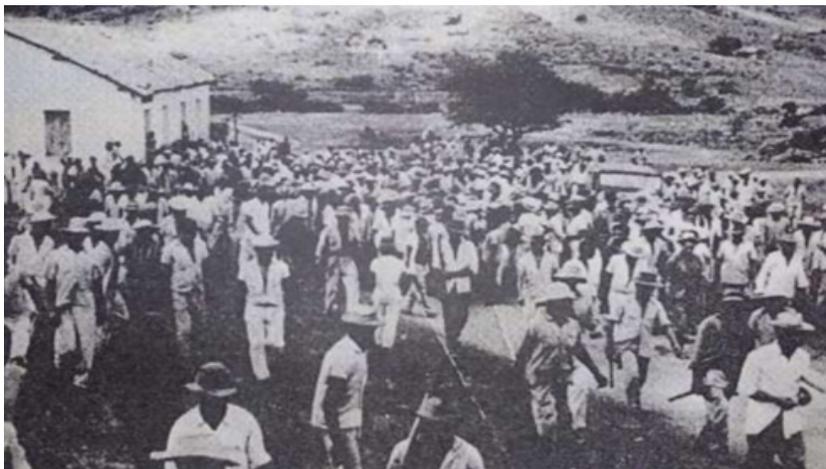
## COMÍCIO DA LIGA CAMPONESA DE SAPÉ CONTRA O CAMBÃO



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/conflitos/pb>.

A sua primeira diretoria ficou assim constituída: Severino Alves Barbosa (presidente), João Pedro Teixeira (vice-presidente), Pedro Inácio de Araújo (“Pedro fazendeiro”- vendedor de tecidos, à época chamada “fazenda”- ficou como primeiro secretário), Severino José da Silva (segundo secretário), Walter Acioly (tesoureiro) e João Alfredo Dias (“Nego Fuba”- como orador).

## MARCHA DE CAMPONESES A FAVOR DO FIM DO CAMBÃO



Fonte: LEMOS, 1996, p. 351.



Fonte: LEMOS, 1996, p. 353

Segundo levantamento do II Exército ela se tratava de uma das maiores ligas do Nordeste, chegando à marca de 13.000 camponeses filiados, no ano de 1963. Além de Sapé, foram fundadas ligas nos municípios de Mamanguape, Cruz do Espírito Santo, Miriri, Mari, Alhandra, Araçagi, Alagoinha, Bananeiras, Guarabira, Mulungu, Campina Grande, Belém, Pedra de Fogo, Oitizeiro, Itapororoca, Itabaiana.

### **INAUGURAÇÃO DO POSTO DE SAÚDE DE SAPÉ**



Fonte: LEMOS, p. 357.

Em 1962, foi criada a Federação das Associações de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas da Paraíba, presidida pelo agrônomo e deputado Francisco de Assis Lemos, tendo

João Pedro Teixeira como vice-presidente, Antônio Dantas na qualidade de secretário e Leonardo Leal como tesoureiro. A federação era bastante influenciada pela orientação política do Partido Comunista Brasileiro (PCB). O ato de fundação ocorreu durante a realização de um congresso de camponeses paraibanos, no Teatro Santa Rosa, em João Pessoa. Em 1963, a presidência da Federação passou às mãos de Elizabeth Teixeira.

### MARCHA DA LIGA CAMPONESA DE SAPÉ



Fonte: <https://www.brasildefatopb.com.br/>.

Reagindo contra a criação e o potencial das ligas, os fazendeiros da Várzea do Paraíba criaram, em 1962, a Asso-

ciação dos Proprietários da Paraíba (APRA), braço armado e organização política das oligarquias rurais.

### CAMPONESES VÍTIMAS DO LATIFÚNDIO PARAIBANO (1961-1964)

CAMPONÊS	ANO DA RE-PRESSÃO	LOCAL	PROPRIETÁRIO
Alfredo Pereira do Nascimento (assassinado)	14/03/1961	Miriri	Pedro Ramos Coutinho
João Pedro Teixeira (assassinado)	02/04/1962	Sapé	Agnaldo Veloso Borges
Assis Lemos e Pedro Fazendeiro (espancados pelos sobrinhos de Agnaldo Veloso Borges e 8 capangas)	11/09/1962	Município de Itabaiana	Agnaldo Veloso Borges
Camponeses tiveram seus roçados destruídos	11/12/1962	Fazenda Teone (Pedras de Fogo)	Capangas do latifúndio
40 famílias de camponeses expulsos da terra	11/12/1962	Engenho Belo Jardim (Pedras de Fogo)	-
Presidente da Liga, Antônio Francelino (assalto à mão armada)	11/12/1962	Riacho do Ingá	-
Atentado a João Pedro Teixeira Filho	-	Sapé	-
Várias famílias camponesas (destruição)	-	Fazenda Serra Cartaxo (Itapororoca)	-
Destruição de moradia de várias famílias de camponeses	-	Engenho Marauá	-
Despejo de 16 famílias camponesas	20/02/1962 Aproximadamente	Fazenda Tapira (Santa Rita)	-
Despejo do camponês Antônio Alfredo e família	12/06/1963 Aproximadamente	Fazenda João Barbosa (Sapé)	-

Assassinato do camponês Manoel Pereira	31/07/1963	Fazenda Francisco Manoel de Paula (Arara)	-
Antônio Galdino da Silva e outros camponeses em confronto com a Polícia Militar, capangas e administradores (“Tragédia de Mari”)	15/01/1964	Mari	Renato Ribeiro Coutinho

Fonte: AUED, 1981.

Vejamos as imagens que seguem.



Uma delas se trata de uma matéria do Jornal Diário de Pernambuco, publicada entre os dias 11 e 12 de setembro de 1962, dando conta, justamente, da repressão contra os líderes da Liga Camponesa de Sapé, Pedro Fazendeiro e do presidente da Federação das Ligas, Assis Lemos. Segundo podemos ler na matéria do jornal, eles foram espancados

em Itabaiana pelos proprietários rurais Manfredo e Milton Borges.

A outra imagem se trata de um convite feito pela Federação dos Trabalhadores Agrícolas da Paraíba para uma passeata a ser realizada no dia 10 de abril, na capital, João Pessoa, próximo à Estação Ferroviária, protestando contra o assassinato de João Pedro Teixeira.

A Liga Camponesa passou a ter o apoio de outras instituições da luta de classes, a exemplo da CEPLAR, do movimento estudantil e de alguns padres de esquerda defensores da emancipação dos pobres do campo.

**CEPLAR**



Em João Pessoa, no ano de 1962, foi formada a Campanha de Educação Popular (CEPLAR), no contexto do surgimento das Ligas Camponesas. Faziam parte intelectuais da juventude paraibana como Paulo Pontes, José Jóffily, Willis Leal, Padre Juarez Benício, Adalberto Barreto, Fernando Azevedo, e Clemente Rosas Ribeiro. A CEPLAR fez com que Paulo Freire desenvolvesse no Brasil e no mundo o seu método de alfabetização para adultos da classe trabalhadora. O Golpe Militar de 1964 pôs fim à CEPLAR.

## IGREJA



A Arquidiocese da Paraíba e as igrejas pelos municípios não faziam enfrentamento aos latifundiários. Ocorreram apenas apoio isolado de padres como Juarez Benício que, chegava de Roma para se colocar na defesa das causas populares. Em Campina Grande, os padres Bonifácio, Nóbrega e Aluísio Guerra também se colocavam no campo popular e democrático. No geral, a Igreja Católica paraibana era contra a reforma agrária e a politização dos trabalhadores.

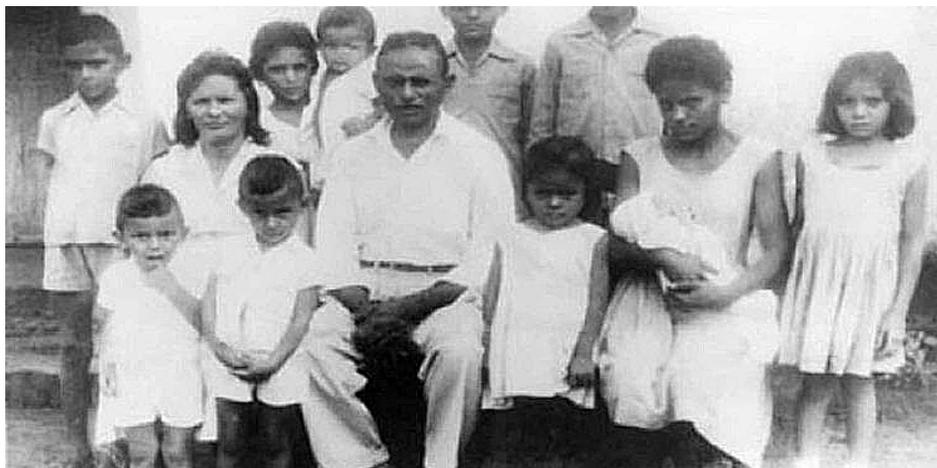
## ESTUDANTES



A União Nacional dos Estudantes (UNE) faziam volantes pelos estados do Brasil por meio do Centro Popular de Cultura (CPC) na linha de uma cultura popular revolucionária, que a cultura fosse instrumento de emancipação dos trabalhadores. Nesse particular, o cineasta Eduardo Coutinho fez o filme *Cabra Marcado para Morrer*, narrando o assassinato de João Pedro Teixeira. Após o assassinato do líder da Liga Camponesa de Sapé, no dia 4 de abril de 1962, no Ponto Cem Reis na capital paraibana a União Estadual de Estudantes da Paraíba (UEEP) e a Associação dos Estudantes Secundaristas (AESP) participaram de um comício no qual estavam operários, camponeses, comerciantes, parlamentares de esquerda, jornalistas.

# 6

## QUEM FOI JOÃO PEDRO TEIXEIRA?



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/31/ato-em-memoria-dos-60-anos-da-morte-de-joao-pedro-teixeira-ocorre-neste-sabado-2-na-paraiba>.

João Pedro Teixeira era filho de Maria Francisca da Conceição do Nascimento e de seu pai, João Pedro Teixeira, que era um pequeno produtor. Ele herdou o mesmo nome do pai. Nascido em Pilõezinhos, perto de Guarabira, na Paraíba, no dia 04 de março de 1918, era filho de pequeno produtor, e seu desejo de luta começou desde que ele era uma criança, pois via seu pai constantemente se revoltando com as injustiças que os proprietários de terras faziam com ele e seus camaradas camponeses.

João Pedro – o pai – teve que fugir após matar para se defender de capangas que iriam assassiná-lo, em razão de suas indignações com os grandes proprietários. Dessa forma, a dor que João - o filho – sentiu, e a revolta interna que tinha em relação às arbitrariedades cometidas pelos poucos donos das terras em relação ao povo camponês aumentou a ponto de João Pedro- o filho – dedicar sua vida à luta agrária, e mais à frente, se tornar vice-presidente das liga camponesa de Sapé.

Sendo assim, após a fuga de seu pai, João Pedro Teixeira– o filho foi deixado pela sua mãe para ser criado por seu avô, e após a morte do avô ele foi criado no município de Cruz do Espírito Santo pelo irmão de seu pai, portanto, seu tio.

Mais que isso, aprendeu a trabalhar no campo, e pouco tempo após de ter ido trabalhar em uma pedreira próximo a Café do Vento, conheceu Elisabeth, filha de Manoel Justino da Costa e Altina Maria da Costa, pequenos proprietários de terra, mulher por quem se apaixonou e casou fugidos em 26 de julho de 1942, em razão dos pais dela não apoiarem o relacionamento.

Após a fuga, o casal se abrigou no sítio Massangana, no município de Cruz do Espírito Santo-PB, que era gerido pelo tio de João Pedro, o Luiz Pedro. Este, foi quem os recebeu na propriedade em 1942. Todavia, em razão do péssimo tratamento dado por seu tio aos camponeses e que João Pedro observava todo dia, ele decidiu chamar a atenção de seu

tio, o qual em resposta disse que caso não estivesse satisfeito, fosse ele, sua esposa, Elizabeth e sua filha ainda criança, Marluce, embora.

E assim ocorreu, em 1944. Desse modo, de viagem em viagem, João Pedro chegou ao Recife, em Pernambuco, no ano de 1945, onde foi trabalhar em uma pedreira em São Lourenço da Mata. E mandou buscar Elizabeth e a filha Marluce. Em Recife é que nasceu o segundo filho, Abraão.

Em Recife também começou a se alfabetizar, comprou cartilha, caderno e Elizabeth seria sua professora. Segundo ela, João Pedro lia os jornais, a Bíblia e a constituição. Ele era protestante e frequentava a escolinha da Igreja Presbiteriana, em Tejipió.



**“Nos primeiros tempos que a gente morou em Recife, João Pedro começou assim um companheirismo com os companheiros operários...Ele recebia um jornal operário e vendia aos amigos trabalhadores. Depois de uns dois ou três anos ele foi se afastando mais da igreja e fazendo cada vez mais reuniões em casa, participando de reuniões com os operários”. In: Eu marcharei na tua luta, p. 55**

Ao testemunhar, novamente, casos de violência contra o povo pobre da classe trabalhadora, João Pedro logo decidiu se organizar e ser líder dos operários que ali trabalhavam, ajudou a fundar o sindicato e, em 1948, decidiu se aproximar do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

### JOÃO PEDRO TEIXEIRA

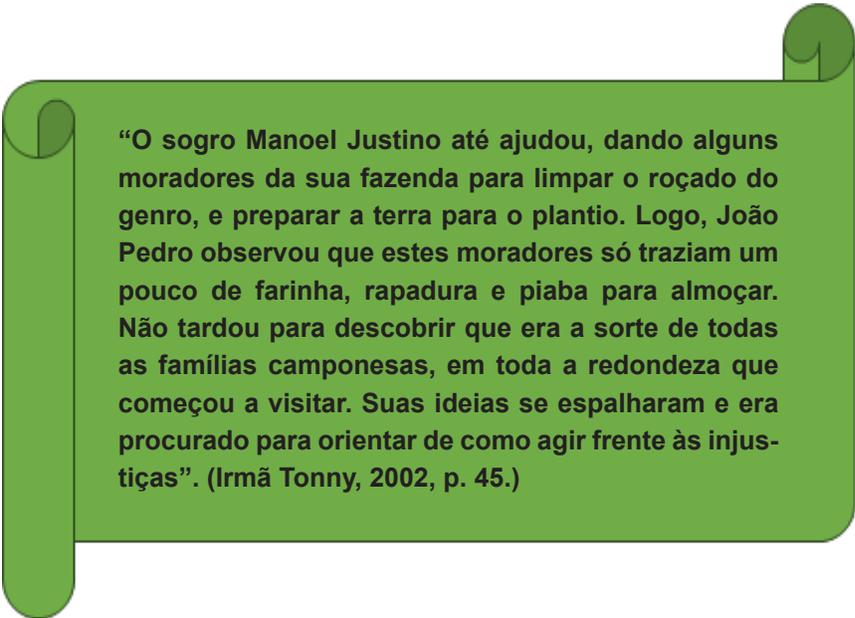


O Partido Comunista Brasileiro foi fundado em 1922, após a vitória da Revolução Socialista na Rússia. Durante a década de 1940 foi pioneiro na organização de ligas camponesas no Brasil. Em 2022, o PCB completou 100 anos de História.

Enfim, em razão de sua aliança com o Partido Comunista e a luta e defesa pela terra e pelos camponeses, João

Pedro, Elisabeth Teixeira e seus 11 filhos, sofreriam diversas perseguições e, assim, foram obrigados a irem de município em município, até que, após não conseguir mais emprego e renda para sustentar sua família, João Pedro não teve escolha a não ser ir para Sapé, onde os familiares de Elisabeth estavam. Deixaram Recife no ano de 1954.

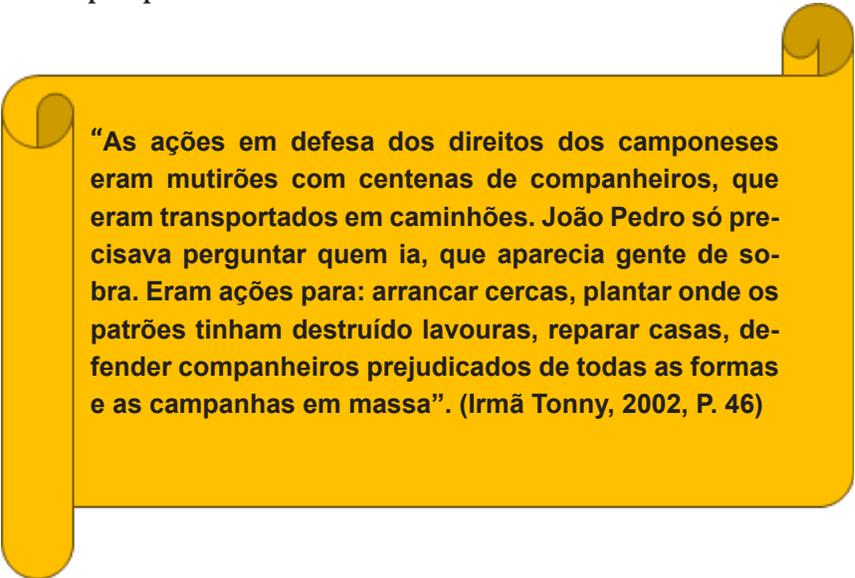
Em Sapé é que João Pedro conheceu e fez amizade com João Alfredo Dias, o “Nego Fuba” que era presidente do Partido Comunista Brasileiro no município e pelo qual se elegera vereador.



“O sogro Manoel Justino até ajudou, dando alguns moradores da sua fazenda para limpar o roçado do genro, e preparar a terra para o plantio. Logo, João Pedro observou que estes moradores só traziam um pouco de farinha, rapadura e piaba para almoçar. Não tardou para descobrir que era a sorte de todas as famílias camponesas, em toda a redondeza que começou a visitar. Suas ideias se espalharam e era procurado para orientar de como agir frente às injustiças”. (Irmã Tonny, 2002, p. 45.)

Esse sítio que o sogro concedeu para João Pedro e Elizabeth Teixeira morarem é Barra de Antas, comunidade onde atualmente fica o Memorial das Ligas Camponesas. Na casa que hoje abriga o acervo, João Pedro morou com sua família até ser assassinado em 1962.

João Pedro começou a se mobilizar para conseguir reverter aquele quadro de exploração, o que levantou uma série de pessoas opositoras, como o próprio pai de Elisabeth e demais proprietários de terra.



**“As ações em defesa dos direitos dos camponeses eram mutirões com centenas de companheiros, que eram transportados em caminhões. João Pedro só precisava perguntar quem ia, que aparecia gente de sobra. Eram ações para: arrancar cercas, plantar onde os patrões tinham destruído lavouras, reparar casas, defender companheiros prejudicados de todas as formas e as campanhas em massa”. (Irmã Tonny, 2002, P. 46)**

Logo, a fama que João Pedro conquistou grandes níveis de alcance e ganhou cada vez mais aliados camponeses que almejavam lutar por melhores condições de trabalho, direitos trabalhistas e também pela terra.

Entre os anos de 1956 e 1962 a luta liderada por João Pedro Teixeira só fez aumentar. Segundo relata Elizabeth:

O pai de Elizabeth Teixeira, então, vai até a casa deles em Barra de Antas tomar satisfação sobre o fato de João Pedro está promovendo reuniões comunistas. O fato é que João Pedro Teixeira foi preso novamente pela polícia e o seu sogro vendeu o sítio onde ele morava com sua família.

O novo proprietário começou a soltar gado dentro do roçado e depois deu ordem de despejo a João Pedro e família. Quando o oficial de justiça lhe entregou o documento com a ordem de despejo, dia 2 de abril de 1962, João Pedro foi para a capital, João Pessoa, para uma audiência marcada pelo juiz.

### Fala Elizabeth...



“Na renúncia de Jânio Quadros, a nossa casa foi cercada pelo Exército. Quando abrimos a porta, o Exército invadiu, armados de metralhadoras, revirando tudo, até jornal velho eles encontraram. Era o “Terra Livre”. “Ah! Aqui tem jornal comunista!” Eles juntaram aqueles jornais e levaram João Pedro preso. João Pedro foi levado para o quartel dos bombeiros. A polícia invadiu nossa casa, bateram nele; no dia seguinte suas costas estavam roxas de pau, de cassetete da polícia”. IN: Eu marcharei na tua luta, p. 62.

João Pedro voltava da capital, João Pessoa, trazendo às mãos os livros de estudo dos filhos quando tombou diante das balas assassinas dos usineiros da região. Morria João Pedro, mas não a luta de classes do campesinato paraibano e brasileiro. As ligas só fizeram crescer e frutificar.

Dessa maneira, João Pedro Teixeira conseguiu conquistar com sua humildade e desejo por justiça, muitos camponeses, mas também muitos inimigos que almejavam penalizá-lo com a cadeia, como relata o seu companheiro de luta, Ivan Figueiredo (2002) ao afirmar que ambos, junto a Severino Barbosa foram presos por cerca de 20 dias cujo o “crime” que havia cometido fora ficar do lado dos camponeses e camponesas.



**“Papai tinha vendido a terra para Antônio Vito, para que ele despejasse a gente de lá, então João Pedro entrou com uma ação de protesto contra aquele despejo, por isso ele estava indo a João Pessoa. (...) Ele vendeu o sítio porque achava que seria mais fácil jogar João Pedro para fora. Papai vivia dizendo que João Pedro era comunista, agitador, que queria tomar a terra alheia, que eu não podia continuar vivendo com um homem como ele, que eu voltasse sozinha para casa, que na casa dele, meu pai eu teria de tudo. Como papai viu que eu não aceitava as propostas dele, que eu não me separava nem de João Pedro, nem de meus filhos, ele então vendeu o sítio pro senhor Antônio Vito”. (Elisabeth Teixeira, In: Eu Marcharei na tua luta, p. 50)**

# 7

## O ASSASSINATO DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA (2 de abril de 1962)

“Eu vi João Pedro morto. Os seus olhos ainda estavam abertos.  
Eles tinham visto muito”. (RAIMUNDO ASFORA)

IMAGEM DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA LOGO APÓS SEU ASSASSINATO



FONTE: AUED, 1981.

## DISCURSO DE RAIMUNDO ASFORA NO VELÓRIO DE JOÃO PEDRO

“Um tiro franziu o azul da tarde e ensanguentou o peito de um camponês. Foi assim que João Pedro morreu. Eu o vi morto no hospital de Sapé. Peguei na alça do seu caixão e, ao lado de outros companheiros e milhares de camponeses, levei-o ao cemitério. Estava com os olhos abertos. A morte não conseguiu fechar os olhos de João Pedro. Brilhavam numa expressão misteriosa e estranha, como se tivessem sido tocados por um clarão de eternidade. Os seus olhos, os olhos de João Pedro, estavam escancarados para a tarde. E, dentro deles, eu vi – juro que eu vi – havia uma réstia verde que bem poderia ser saudade dos campos ou o fogo da esperança que não se apagara. Tinha sido avisado de que o perseguiam. Assistira, certa vez, ao lado da esposa, a uma ronda sinistra em torno do seu lar. Talvez soubesse tudo, mas aprendera, na poesia revolucionária do mundo, que é melhor morrer sabendo do que viver enganado.

Por que mataram João Pedro? Por que o trucidaram? E de emboscada? Mataram João Pedro porque ele havia sonhado com um mundo melhor para si e para os seus irmãos. Idealista puro, ele não compreendia nunca, na sua inteligência ágil e no seu raciocínio acertado, como todas as terras da Várzea do Paraíba pertenciam apenas a proprietários que poderia ser contado nos dedos de uma mão. E tantos homens sem terra e tantos homens aflitos e tantos homens com fome! Sonhara com a reforma agrária. Mas, não pensava

na revisão dos estatutos das glebas empunhando uma foice ou um bacamarte, na atitude dos desesperados. Apelava, apenas, para a organização da opinião campesina, da opinião dos campos, porque organizada a opinião do povo, tudo mais ficaria organizado.

Nunca me deparei, paraibanos, com uma população rural tão penetrada e compenetrada de consciência de classe, do valor da disciplina e da coesão como os lavadores de Sapé. Foi João Pedro quem os convenceu, mobilizando-os, ardentemente, em cada feira e em cada roçado. Argumentando sempre, com uma fé inquebrantável, sobre a necessidade da formação do seu sindicato. De um sindicato igual aos vossos, trabalhadores de João Pessoa, respeitado pelos patrões, protegido e protetor. Por que os latifundiários não querem respeitar as ligas camponesas? Por quê? Não se organizam eles nas cidades? Nas associações comerciais, nas federações das indústrias, não frequentam eles o Clube Cabo Branco, o Clube Astréa, os clubes do Recife e do Rio? Por que os camponeses não têm direito de ter a sua Liga?

O campo se priva de tudo para nos promover de tudo. Sem a enxada, que fecunda o ventre da terra, para a gravidez da semente e o parto da colheita, nada chegará às nossas mesas. A vida vem dos campos. Sem o suor, sem a fadiga dos campônios, jamais alcançaremos a fartura do povo, e a pobreza será cada vez mais infeliz e desamparada. Os latifundiários, todavia, na sua ganância, fingem desconhecer essa verdade, e na sua cupidez e na sua egolatria, negam aos po-

bres até o direito de ter fome. Fecham as suas propriedades ao cultivo, trazem-nas avaramente estagnadas, mandando matar aqueles que desejam transformá-las num instrumento de produção e de felicidade social. São tão mesquinhos, no seu egoísmo, que, na expressão de um ironista, deixariam o universo às escuras, se fosse proprietários do sol.

Eu vi João Pedro morto. Os seus olhos ainda estavam abertos. Eles tinham visto muito. Tinham visto quase tudo à sombra do Sobrado, povoado de Sapé, ouvira, talvez, contar na varanda de sua casa tosca, a história dos pais e dos avós que cultivaram aquelas terras. Sempre sob o regime do cambão, da terça e do cambito. Desse miserável cambão, dessa hedionda terça, desse desumano cambito, que deve ser varrido de nossa paisagem rural, nem que seja a golpes, nem que se a impacto das multidões revolucionárias nas praças.

Ouvira contar que, certa vez, o pai fora enxotado cruelmente, pelo capataz do amo, pelo simples fato de terem discutido sobre uma cuia de feijão. Sofria, ele próprio, as angústias daquele servilismo, doendo, agora, sobre o corpo exausto, com o suor da agonia que lhe escorria pela alma, fermentando, então, no íntimo, a convicção de que a dignidade humana não poderia ser tão aviltada. Urgia uma reação e João Pedro, à sombra do Sobrado, meditava e sonhava com um mundo melhor para os seus filhos. Eles não haveriam de amargar a mesma servidão. Sonhou. Haveria de pagar pelo crime de ter sonhado. O seu sonho era uma visão perigosa de liberdade. Os latifundiários não podem compreender que

os corações dos humildes possam aninhar tão elevados sonhos. Contrataram sicários, armaram pistoleiros, puseram-se na tocaia. João Pedro deveria ser eliminado.

Acuso, perante o governo e a Paraíba, que há um sindicato da morte implantado na Várzea para ceifar a vida dos homens do campo. Ninguém se iluda: aquilo não foi mandado de um homem só. Todos devem se levantar em favor da luta dos camponeses. Todos, principalmente vós, pessoense, depositários da vida indômita da raça tabajara, para que, em face da violência e da opressão, os camponeses não se sintam desamparados. Mataram João Pedro. Nunca mais poderei os seus olhos. Os olhos dos mortos não choram. Ele nos deixou, no transe derradeiro da vida, a dignidade final da sua morte. Sigamos o seu último exemplo. Ninguém derramará mais lágrimas. Os seus olhos queriam dizer que os camponeses, de tanto verterem suor, não têm, sequer pranto para derramar outras lágrimas.

Paraibanos, esta cruzada é diferente das demais porque é maior do que todas as outras. Não há um candidato, não há partido político, não há um interesse exclusivista a ser defendido. Esta insurreição é hoje na história da Paraíba o seu grande apostolado. Ou defendemos o homem do campo, numa onda de solidariedade pacífica e irreprimível, pressionando as elites dirigentes para uma revisão da estrutura jurídica vigente, que os depaupera e degrada, efetivando urgentemente a reforma das leis agrárias, ou o Brasil será a pátria traída pelo poder econômico que já nos vem

atraiçoando nos governos da República e no parlamento nacional.

É inútil matar camponeses. Eles sempre viverão. Antes de morrer, João Pedro era apenas a silhueta de um homem no asfalto. Mas, agora, paraibanos, João Pedro virou zumbi, virou assombração. É uma sombra que se alonga pelos canaviais, que bate forte na porta das casas grandes e dos engenhos, que povoa a reunião dos poderosos, que grita na voz do vento dentro da noite, e pede justiça, e clama vingança. Que passeie pelas estradas de Sapé, que fala, pela boca de milhares de criaturas escravizadas, a mesma língua que, com a sua morte, não se perdeu porque a mensagem dos verdadeiros líderes não se esgota.

Pessoenses: meditemos profundamente na destruição de João Pedro, da tremenda cilada que armaram contra o inesquecível líder, na carga de ódio que caiu sobre si com o peso de um destino. Ele sofreu no próprio sangue a grave ameaça que existia contra todos nós. Que todos os patriotas dobrem o joelho diante do seu túmulo”.

Fonte:<https://acervo.racismoambiental.net.br/2012/04/03/eu-vi-joao-pedro-morto-os-seus-olhos-ainda-estavam-abertos-eles-tinham-visto-muito/>.

## ❖ O ASSASSINATO E O ENTERRO

João Pedro Teixeira foi assassinado no dia 2 de abril de 1962 próximo ao município de Sobrado quando voltava de João Pessoa, por razões de uma audiência judicial a respeito do despejo que estava sofrendo do sítio Barra de Antas. Ele

havia ido à capital com o seu advogado se apresentar para tentar resolver o processo. Todavia, ao chegarem no suposto destino, Teixeira foi informado pelo advogado que o processo foi adiado para a tarde daquele mesmo dia. No fim do dia e já no último ônibus de volta para sua casa – bem perto da mesma – acabou levando cinco tiros.

### Registro de Óbito - João Pedro Teixeira


**Prefeitura Municipal de Sapé**  
 Exercício de 1962  
**REGISTRO DE ÓBITO** Nº 3056

Recebi do Sr. João Pedro Teixeira  
 a quantia de Cr\$ \_\_\_\_\_ inhumação do cadáver de  
João Pedro Teixeira com \_\_\_\_\_ dias \_\_\_\_\_ meses  
44 anos de idade, lugar do óbito Cuitas  
 causa mortis assassinato  
 Em 3 de agosto de 1962  
João Pedro Teixeira  
 SECRETÁRIO MUNICIPAL

**GUIA DE ENTERRAMENTO**

Estado de Paraíba  
 MUNICÍPIO DE SAPÉ  
 CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL

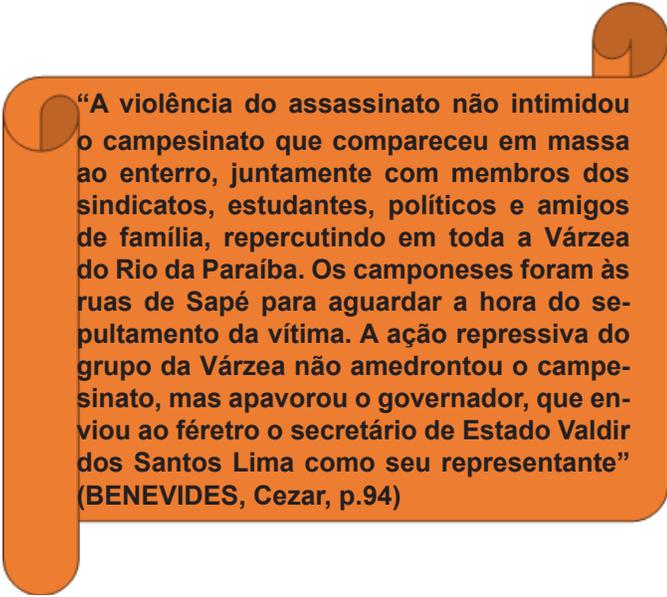
CERTIFICO que ocorreu, as 16 horas  
 LOCAL em Cuitas  
 FALLEceu João Pedro Teixeira  
 NATURALIDADE Sargibano IDADE 44 anos  
 FILIAÇÃO João Pedro Teixeira e Maria Fran-  
cisca da Conceição  
 Sapé, 3 de agosto de 1962  
Maria Gorete  
 SECRETÁRIA

Fonte: BENEVIDES. Cezar, 1985.

Naquele dia de muita tristeza João Pedro Teixeira foi covardemente assassinado, mas por quem? O responsável por puxar o gatilho seria descoberto e pego, Antônio Alexandre da Silva (Cabo Chiquinho), acompanhado de mais dois

capangas tendo, o mesmo, sido preso. Todavia, o importante da prisão do acusado foi principalmente ele ter falado quem foram os mandantes, sendo eles latifundiários da região de Sapé, em especial, Aguinaldo Veloso Borges que não foi devidamente punido pela omissão do parlamento e do próprio Estado burguês.

“Não dormia direito nos últimos meses de vida”, afirmou Elisabeth em relação ao seu esposo, visto que, João Pedro sentia que a luta pela terra poderia levá-lo a morte, mas, nem por isso, ele deixou de lutar. João Pedro Teixeira era muito querido pela população camponesa de Sapé e região, a qual ficou bastante comovida pelo seu assassinato. Cerca de 5.000 (cinco mil) pessoas compareceram em seu leito de morte. Para mais, observe:



**“A violência do assassinato não intimidou o campesinato que compareceu em massa ao enterro, juntamente com membros dos sindicatos, estudantes, políticos e amigos de família, repercutindo em toda a Várzea do Rio da Paraíba. Os camponeses foram às ruas de Sapé para aguardar a hora do sepultamento da vítima. A ação repressiva do grupo da Várzea não amedrontou o campesinato, mas apavorou o governador, que enviou ao féretro o secretário de Estado Valdir dos Santos Lima como seu representante”**  
**(BENEVIDES, Cezar, p.94)**



O comício ocorreu por iniciativa da União Estadual de Estudantes da Paraíba (UEEP), mas que também contou com a solidariedade e participação de camponeses, operários, comerciários, parlamentares, jornalistas e intelectuais de esquerda.

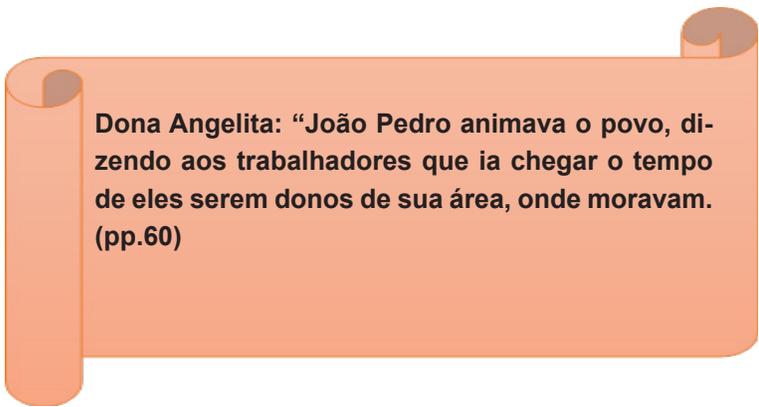


Fonte: <https://tokdehistoria.files.wordpress.com/>.

Vejamos alguns relatos de camponeses e camponesas sobre a principal liderança da Liga Camponesa de Sapé:

**Sebastião Severino Monteiro:** “Sei que era um cidadão bom, pelo menos era um homem do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Um homem que é do sindicato dos trabalhadores rurais é a favor do homem do campo, ele era do campo, a favor do trabalhador. Os trabalhadores do campo eram os homens queridos dele, do nosso irmão João Pedro. É como esse Lula Inácio, esse que está para ser político, esses que é do Partido dos Trabalhadores. (p.59)

**Severino Guilhermino de Souza:** “Ele via a fome do povo. Ele já sabia que o povo era sofrido, como ele era sofrido. Então, ele sabia que se unisse, se organizasse... Ele dizia ‘povo unido não mais será vencido’. Outra coisa; ele militava. Dentro de Sapé, ele enchia isso cheio de gente, de gente atrás dele, era festa, fogos, ciranda. Era alegria” (p.61)



**Dona Angelita: “João Pedro animava o povo, dizendo aos trabalhadores que ia chegar o tempo de eles serem donos de sua área, onde moravam. (pp.60)**

Dessa forma, como visto nas palavras dos companheiros e companheiras, João Pedro Teixeira foi um homem que sempre buscou lutar pelo povo pobre e pela terra! E quando covardemente assassinado não teve sua luta abafada, pelo contrário, ele e a luta continuam vivos nos corações dos camponeses que ainda lutam por seus direitos.

## ELIZABETH TEIXEIRA- (VIÚVA DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA) - E FILHOS



Fonte: Memorial das Ligas Camponesas.

### ❖ **A imunidade parlamentar de AGNALDO VELOSO BORGES**

O mandante do assassinato de João Pedro Teixeira, o usineiro Agnaldo Veloso Borges, era sexto suplente de deputado estadual. Contudo, para conseguir a imunidade parlamentar o deputado Joacil de Brito Pereira (UDN) articulou a trama para licenciar cinco deputados a fim de que Agnaldo pudesse assumir a vaga na Assembleia Legislativa.

E assim foi feito. A Ata da Assembleia Legislativa da Paraíba, é a prova da articulação dos latifundiários do Grupo da Varzea com políticos conservadores do parlamento pa-

raibano. No dia 11 de abril de 1962, nove dias após o assassinato de João Pedro Teixeira, Agnaldo assumia o mandato de deputado estadual e, assim, estava livre de responder criminalmente pelo assassinato do líder campesino da liga de Sapé.

### ❖ **O Primeiro de Maio de 1962**

No dia primeiro de maio de 1962, as ruas de João Pessoa estavam repletas de cerca de 4 mil camponeses em passeata, fazendo com que a cidade parasse, incluindo igrejas, lojas e repartições públicas. As reivindicações desses trabalhadores consistiam no apoio à reforma agrária, à luta contra o latifúndio, à sindicalização rural e, principalmente, pela punição dos assassinos dos líderes que foram mortos em março e abril de 1962. Entretanto, antes deste dia, camponeses paraibanos, com o apoio de estudantes, partidos e imprensa, tentaram realizar um protesto contra a morte de João Pedro Teixeira, sendo duramente reprimidos.

### ❖ **O comício da Lagoa e a tentativa de impedir a vinda do presidente Jango à Paraíba**

Após o Primeiro de Maio e sua grande concentração de camponeses na cidade de João Pessoa, o presidente João Goulart decidiu por se dirigir aos camponeses, numa tentativa de amenizar a crise gerada pela organização camponesa. Apesar de uma possibilidade de articulação entre o governo federal e os interesses do bloco agroindustrial, os grandes

latifundiários da Paraíba se mostravam contra a vinda do presidente João Goulart ao estado e não mediram esforços para tentar impedir sua vinda, fato que se mostraria ineficiente, pois o presidente da república chegaria a Paraíba para fazer seu discurso naquilo que ficou conhecido como “Comício da Lagoa”.

A chegada do presidente na Paraíba expressava o fortalecimento da luta de classes no campo paraibano e os latifundiários perderam essa batalha que tentava impedir a vinda de Jango à terra de João Pedro Teixeira, cujo sangue ainda estava quente e encharcando latifúndios.

### ❖ **Jango na Paraíba**

A vinda do Presidente da República João Goulart ao Estado da Paraíba no dia 29 de julho de 1962, ocorreu no contexto de grandes conflitos internos e externos ao Estado da Paraíba. Os conflitos entre camponeses e latifundiários eclodiam em todo país, na capital paraibana no 1º de Maio, a classe campesina em marcha ocupou a capital. O presidente em discurso dirigiu-se aos camponeses assinalando ao projeto de início da reforma agrária. O campesinato paraibano revoltado pelo recente assassinato de João Pedro Teixeira, cobravam uma postura do chefe do poder executivo. No dia da chegada de Jango a Capital João Pessoa, uma marcha de aproximadamente 12 mil camponeses ocupou a praça do Palácio da Redenção, que chegaram ali através de longas caminhadas a pé, viagens de caminhões organizado pelas Li-

gas Camponesas, ocupando vagões de locomotivas. Perante os poderosos que tratavam a visita do presidente como “indesejável”, os camponeses se organizaram em forma de luta para cobrar e exigir os seus direitos.

O governador Pedro Gondim fez a recepção de Jango no Aeroporto Castro Pinto, na cidade de Santa Rita, seguiram até o Palácio da Redenção em desfile de carro aberto enquanto a marcha seguia para o local onde seria o discurso na Praça do Cassino da Lagoa, onde foi montado o palanque para o discurso. Conquanto, o grande enfoque dos comentários era da marcha que seguia silenciosa em direção, pois nunca se viu tão grande movimento que expressivamente mostrou organização e demonstrou as proporções que a causa camponesa pela democratização da terra estavam tomando. Com quatro inscitos para discursar no comício o presidente da república, o governador, o deputado federal José Jófily e o professor Francisco Lemos. O presidente, em seu discurso vago deixou decepcionado a classe camponesa, pois não falou ou condenou os atos de violência que ceifaram a vida de João Pedro Teixeira e Alfredo Nascimento. Desta forma, os discursos de Jango e Pedro Gondim seguiam a linha populista da pacificação e busca “pela paz, para o desenvolvimento”, buscando se fazer uma reforma agrária dentro do parlamento brasileiro e nos marcos do capitalismo, ou seja, sem prejudicar os latifundiários com desapropriação a qualquer custo.

## ❖ **Primeiro ano sem João Pedro Teixeira: luta de classe e repressão do IV Exército (1963)**

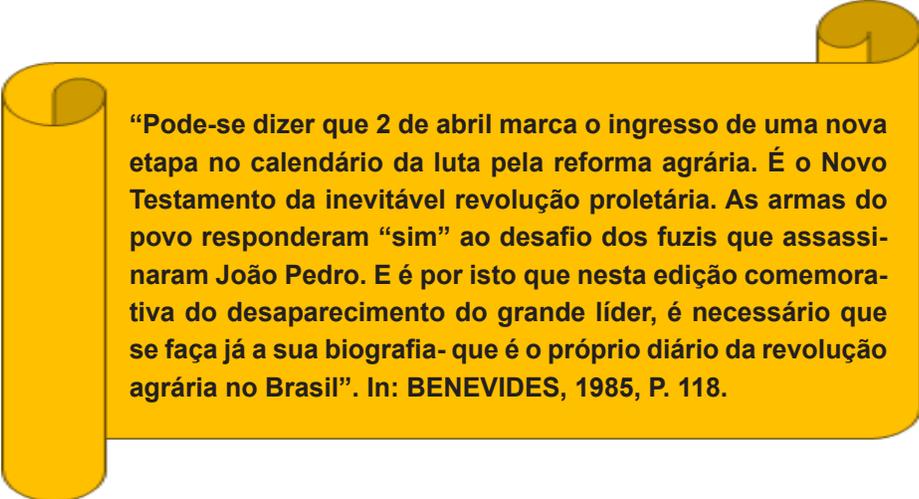
O ano de 1963 começava bastante agitado. A luta das ligas camponesas aumentava e o comandante do IV Exército fazia manobras militares no Engenho Miriri com a finalidade de intimidar os camponeses.

As Ligas Camponesas de Sapé e Miriri, sabedoras da situação, realizaram protestos e passeatas e conseguiram parar momentaneamente o movimento das tropas.

Ainda em fevereiro de 1963, aniversário de quatro anos da Liga Camponesa de Sapé e primeiro ano sem a liderança de João Pedro, se realizou uma grande concentração camponesa em Sapé. Elizabeth Teixeira fizera um discurso bastante crítico, lembrou o exemplo de vida do seu esposo e conclamou os camponeses e camponesas para continuarem na luta. Também discursaram: Francisco Julião, “Nego Fuba”, o advogado João Santa Cruz de Oliveira e o também advogado Bento da Gama Batista.

Nesse mesmo mês e ano fora assassinado o fazendeiro Rubens Régis. Os camponeses de Sapé foram responsabilizados. A Associação dos Latifundiários celebrou “seu mártir” e passou a convocar uma cruzada fúnebre no cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa. A classe dominante esboçava um discurso anticomunista que se materializava em prisões, mortes e tortura de camponeses e camponesas. Os mártires da terra e o sangue derramado nos latifúndios são da classe trabalhadora, vítimas do latifúndio.

Em 2 de abril de 1963, no primeiro ano de morte de João Pedro Teixeira, Malaquias Batista escreveu no Jornal A Liga o seguinte:



“Pode-se dizer que 2 de abril marca o ingresso de uma nova etapa no calendário da luta pela reforma agrária. É o Novo Testamento da inevitável revolução proletária. As armas do povo responderam “sim” ao desafio dos fuzis que assassinaram João Pedro. E é por isto que nesta edição comemorativa do desaparecimento do grande líder, é necessário que se faça já a sua biografia- que é o próprio diário da revolução agrária no Brasil”. In: BENEVIDES, 1985, P. 118.

# 8

## ELIZABETH TEIXEIRA: “UMA MULHER MARCADA PARA VIVER”



Fonte: <https://mst.org.br/2015/02/18/os-90-anos-de-elizabeth-teixeira-mulher-marcada-para-morrer/>

Filha de família proprietária de terra, Elizabeth Teixeira escolheu um caminho diferente através de um amor que transformou a sua vida e a impulsionou a entrar na luta a favor dos camponeses e camponesas.

Sendo um símbolo de resistência camponesa, Elizabeth possui uma história que merece destaque não apenas

com seu papel de ativista, mas também como mulher e mãe. Enfrentando os percalços da luta contra latifundiários, policiais e políticos corruptos, a paraibana mostrou força e coragem liderando a Liga Camponesa de Sapé.

Elizabeth nasceu no dia 13 de fevereiro de 1925, sendo a filha mais velha de Manoel Justino da Costa e de Altina Maria da Costa. Antes de conhecer João Pedro, vivia com sua família, que possuía boas condições econômicas. Criada no ambiente de certa fartura, não entendia ainda as dificuldades do homem do campo, mas já podia observar a diferença de vida dela com a dos filhos dos moradores da fazenda.

Sendo primogênita, já sentiu o peso do machismo com o desapontamento de seu pai por ela não ter nascido homem e teve limites forçados por questões de gênero, como parar de estudar em determinada idade porque não era considerado necessário para uma mulher. Dessa forma, só lhe restou trabalhar na vendinha de seu pai onde, ironicamente, seu pai não pode impedi-la de conhecer João Pedro. No dia 15 de novembro de 1940, com 15 anos, ela o viu pela primeira vez.

Para a frustração de sua família, Elizabeth foge e se casa com João Pedro Teixeira em 1942, no meio de diferenças sociais e raciais. João Pedro era um trabalhador negro, o que fazia ainda mais com que o pai de Elizabeth não aceitasse o namoro dos dois. A união dos dois se mostra de forma admirável. Foram morar na Fazenda Massangana, no município de Cruz do Espírito Santo, onde o tio dele era gerente.



**“João Pedro, como operário da firma, continuou a fazer as compras na mercearia. Meu pai então me tirou da mercearia. Mas isso não fez com que a gente acabasse o olhar de um para o outro, a gente continuou o namoro através de cartas, até que no dia 10 de junho, eu fugi de casa. Todo nosso namoro, e mesmo para combinar a fuga, foi através de cartas. Ele passava e jogava a carta dentro de casa e eu, rápido, pegava. Depois que eu lia as cartas, eu guardava na fronha do travesseiro. Naquela tarde, quando foi para fugir, eu tirei todas as cartas do travesseiro e coloquei na minha bolsinha para eu levar, para não queimar, para não dar fim às cartas”. In: Eu marcharei na tua luta, p. 36/37)**

Mas, logo depois saíram da Fazenda Massangana, pois João Pedro não aceitava ver a situação dos trabalhadores da fazenda, onde já mostrava sua insatisfação com a situação do homem e mulher camponeses. Em 1945 eles foram para Recife, onde ficaram até 1954. Foi em solo recifense que João Pedro iniciou suas atividades políticas, mas Elizabeth ainda não, ajudando apenas entregando os jornais aos operários.

Por causa das chuvas, a cidade de Recife alagada e as moradias precárias, além de João Pedro não conseguiu ganhar mais o sustento da família, desempregado, eles acabam em uma situação difícil.

Foi aí que, descobrindo a situação da filha, o pai de Elizabeth, que havia comprado outra fazenda em Sapé a deixou morar lá. De início João Pedro não queria, mas ele não conseguia emprego e já com cinco filhos para criar, então teve de aceitar a proposta de Elizabeth. Ela relata o arrependimento dessa decisão:

**Quando João Pedro chegou, eu contei e ele ficou muito triste. Como é que ele ia morar em terra de um povo que não gostava dele? Hoje eu tenho esse arrependimento dentro de mim. Se a gente não tivesse vindo de volta pra Paraíba... (IN: Eu marcharei na tua luta, 1997, p.55).**



Nesse contexto, a paraibana ainda não era engajada totalmente na luta, apenas auxiliava o marido e acompanhava sua trajetória. Enquanto João Pedro organizava os campo-

neses na luta a favor de seus direitos, Elizabeth estava sempre ao seu lado, conscientizando os camponeses explorados por despejos, cambão, foro, entre outras problemáticas.

Longe da família que não apoiava a sua decisão, só restou para ela, o marido e os filhos, para os quais se dedicou por um bom tempo. Junto a João Pedro, sofreu diversas perseguições, enfrentando uma vida difícil com capangas batendo em sua porta e fazendo ameaças. Havia momentos quando saíam juntos da sede da Liga Camponesa de Sapé pelas calçadas e ouviam: “Tua cabeça vai voar!” e “Eta cabeça boa de bala”.

O pai de Elizabeth nunca aceitou sua relação com João Pedro e sempre insistiu para que ela o deixasse, mas quando ele percebeu que não teria jeito de separá-los, vendeu a terra da fazenda que eles viviam para que fossem expulsos. O novo proprietário soltou o gado dentro do roçado de João Pedro e também entrou com um mandado de despejo. Justamente no dia 2 de abril de 1962 estava marcada a audiência com o juiz em João Pessoa, o que facilitou a emboscada que fizeram para João Pedro.

Com o passar do tempo, Elizabeth foi assistindo a morte rondando sua casa e os conflitos da luta na Liga Camponesa de Sapé cada vez mais acaloradas, a ponto de pensar em fugir, mas João Pedro estava disposto a dar sua vida pela luta contra a injustiça no campo. Desacreditada da política, Elizabeth só tirou seu título de eleitora após a morte do marido. No dia 2 de abril de 1962, João Pedro Teixeira

foi assassinado através de uma emboscada e, a partir daí, veremos uma Elizabeth determinada a continuar a luta de seu esposo.



**“João Pedro, por mais de uma vez você me perguntouse eu daria continuidade à sua luta, e eu nunca te dei a minha resposta. Hoje eu te digo, com consciência, ou sem consciência de luta, eu marcharei na tua luta, João Pedro, pro que der e vier! [...] Luta por terra, luta pelo homem do campo, luta pela mulher do campo que sofre como eu já sofri e que estou sofrendo agora. Tanto faz viver ou morrer. Eu estou disposta a enfrentar o que vier. Se eu for morta, morro, os filhos ficam... Mas eu te juro, João Pedro, eu darei continuidade à tua luta!” (IN: Eu marcharei na tua luta, 1997, p.75-76)**

Fonte: Comissão Pastoral da Terra (CPT)

A morte de João Pedro também não foi fácil para seus filhos que, assustados e vendo tanta violência ao seu redor, restou apenas à Elizabeth assistir como isso afetou suas vidas. A filha mais velha, Marluce, cometeu suicídio se envene-

nando e seu outro filho, Paulo, estava internado no hospital por um tiro na cabeça.

**AGONIZA NO HOSPITAL DA PARAIBA A  
PEQUENA VÍTIMA DOS LATIFUNDIARIOS**

**S**APÉ, Paraíba, 3 (UH-N) — Mais de seis mil camponeses ocupam virtualmente o centro da cidade, portando faixas e cartazes de protesto pelo atentado contra o menor Pedro Paulo Teixeira, filho do líder camponês João Pedro Teixeira, ambos vítimas dos latifundiários da várzea do Paraíba.

Fonte:<https://tokdehistoria.files.wordpress.com/>.



<https://tokdehistoria.com.br/tag/memorial-das-ligas-camponesas/>.



“Paulo, que tinha 10 anos, disse que vingaria a morte do pai quando crescesse. Essa conversa foi parar nos ouvidos dos proprietários. Eu sei que nessa ocasião Antônio Vito, que era o proprietário, botou um morador novo lá dentro da propriedade, com a ordem de acabar com o menino assim que a oportunidade surgisse. E assim foi feito. No dia 16 de junho, Paulo estava no roçado apanhando macaxeira, quando foi alvejado com um tiro na cabeça. A bala ficou no cérebro. Levamo-lo para o hospital de Sapé e lá ele fez uma cirurgia. Depois ele foi transferido para João Pessoa e fez mais outras cirurgias. Ele conseguiu sobreviver, mas perdeu parte do cérebro e ficou inválido para sempre”. In: *Eu marcharei na tua luta*, p. 97/98.

O latifúndio capitalista não deixou em paz nem as crianças. Apesar de tudo isso, Elizabeth tirou do medo e da tristeza que rondava sua vida, mais revolta, mais força para continuar o trabalho e lutar contra esse sistema assassino.

Depois de um mês da morte de João Pedro, Elizabeth assume a liderança da Liga Camponesa de Sapé, sendo presidente de 1962 até 1964 quando teve que se esconder no interior do Rio Grande do Norte por conta do Golpe Militar.



*A viúva de João Pedro Teixeira*

## **Elizabeth dirige um manifesto à Paraíba**

<https://tokdehistoria.com.br/tag/memorial-das-ligas-camponesas/>

Com muita dedicação, a ativista passou a denunciar as violências cometidas contra os trabalhadores do campo e a receber apoio de estudantes, dos própriostrabalhadores e do Partido Comunista que apoiava a causa. Sendo assim, Elizabeth passou a tomar conta da casa, da família e da atuação na liga, com o apoio dos companheiros da liga que não a deixaram sozinha. Dessa forma, acolhiam famílias, faziam reuniões dentro das propriedades, atos públicos, etc. Em 1962 lançou sua candidatura à deputada estadual em busca



Os companheiros, no entanto, segundo ela, não aceitavam a sua desistência da candidatura. E, assim, saír “Nós entramos na campanha, nós fazíamos comícios nas cidades, no interior, onde podia a gente fazia comício no campo. Foi o tempo que vieram as eleições, eu não ganhei, mas o Assis ganhou. Acho que eu fui radical naqueles comícios. Eu subia nos palanques e dizia que queria ver a cabeça de fulano poste, as cabeças de a, de b, de c. Eu citava os nomes de cada um, eu denunciava as mortes que eles tinham encomendado, eu desabafava mesmo. Quando passou a eleição, o delegado de Sapé quis me processar pelo que eu tinha dito na campanha”. In: *Eu marcharei na tua luta*, p. 110. am concorrendo no mesmo campo político as duas candidaturas: a de Elizabeth e a de Assis Lemos.



“Nós entramos na campanha, nós fazíamos comícios nas cidades, no interior, onde podia a gente fazer comício no campo. Foi o tempo que vieram as eleições, eu não ganhei, mas o Assis ganhou. Acho que eu fui radical naqueles comícios. Eu subia nos palanques e dizia que queria ver a cabeça de fulano poste, as cabeças de a, de b, de c. Eu citava os nomes de cada um, eu denunciava as mortes que eles tinham encomendado, eu desabafava mesmo. Quando passou a eleição, o delegado de Sapé quis me processar pelo que eu tinha dito na campanha”. In: *Eu marcharei na tua luta*, p. 110.

A líder camponesa passou por diversas agressões, prisões, ameaças, chegaram até a atirar em seus pés, mas ela nunca demonstrou falta de coragem ou arrependimento. Sofreu pelo machismo e pelas contestações sobre uma mulher andar com grupos de homens. O preconceito não a ame-

drontava e ela continuava a demonstrar sua determinação na luta. O número de associados dobrou e os camponeses estavam cada vez mais organizados, participando de atos políticos, entrando em fazendas para garantir os direitos dos trabalhadores, protestando, etc. Em 1963, passou um mês em Cuba a convite de Fidel Castro, mas resolveu voltar ao Brasil para continuar a luta de João Pedro.

Entretanto, apesar de tudo, Elizabeth sempre se mostrou determinada com a luta e nunca se arrependeu de sua trajetória. Ela se tornou um grande símbolo de resistência e tem muito a nos ensinar, sua história precisa ser contada e compartilhada para que sua luta possa continuar:



**Tudo que eu fiz foi para protestar contra o abandono, a falta de educação, a falta de saúde. Eram milhares de companheiros que morriam no campo por falta de assistência médica, as mulheres morriam de parto numa esteira em cima do chão batido. A minha tendência era essa, protestar. A minha vontade era participar das caminhadas junto com o homem do campo, participar dos Atos Públicos, denunciar a escravidão e a miséria que tinha se implantado dentro do nossos país. (In: Eu marcharei na tua luta, 1997, p.162)**

# 9

## O GOLPE DE 1964, A DITADURA MILITAR E A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ

Em 31 de março de 1964, um bloco de classe dominante (empresários, latifundiários, banqueiros, industriais, grande mídia, Igreja Católica e setores da classe média) chamou os militares das Forças Armadas para dar um golpe contra um bloco composto pela classe trabalhadora (operários, camponeses, estudantes, artistas, intelectuais de esquerda). Um golpe da classe dominante contra a classe trabalhadora brasileira. Derrubaram o governo do presidente João Goulart e iniciaram um ciclo que perduraria com cinco generais na presidência da república brasileira.

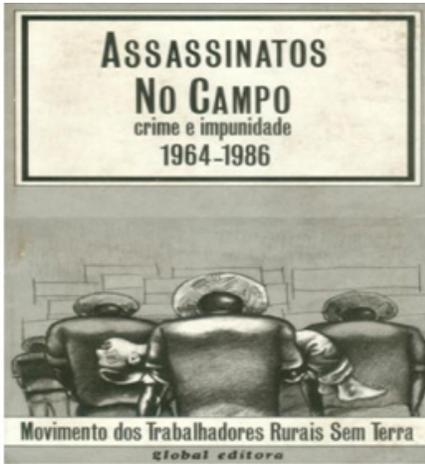
**“A ideia de eu me candidatar a deputada surgiu através dos companheiros Julião, Adauto Freire e outros amigos... Eles achavam que era melhor para mim, como mulher, de enfrentar a luta no campo. Justamente foi por isso que surgiu a candidatura pelo Partido Socialista Brasileiro. Assis Lemos também entendeu de ser candidato. Ele não concordava de ser eu a candidata, ele queria que eu apoiasse a dele. Eu ainda falei para Julião e para as pessoas que ficavam em volta de Julião, que eu não queria minha candidatura e que ficava com Assis Lemos”. Elizabeth Teixeira In: Eu marcharei na tua luta, p. 109.**

Depois de 1964 instalaram uma Ditadura Militar que duraria vinte e um anos (1964-1985). Muitas pessoas que discordavam da ditadura do grande capital foram presas, exiladas, torturadas e assassinadas. Os camponeses e as lideranças das ligas em todo o Brasil foram alvos de terror e repressão.

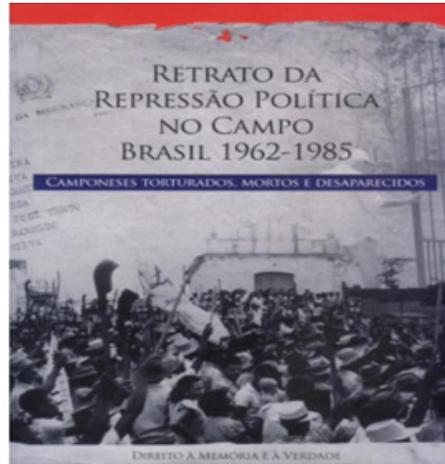
A Ditadura Militar derrotou o projeto das Ligas camponesas de reforma ou revolução agrária. Em seu lugar, os governos militares implementaram no campo brasileiro um projeto de agricultura que hoje chamamos de agronegócio. Trata-se de um projeto de agricultura que se caracteriza por alguns elementos: 1) emprega poucos trabalhadores; 2) produz com veneno e prejudica a saúde da população; 3) recebe bastante crédito e incentivos dos governos; 4) tem uma bancada de deputados e senadores no Congresso Nacional para defender seus interesses- a chamada “bancada do boi”; 5) produz para o exterior e não põe comida na mesa dos brasileiros; 6) utiliza, muitas vezes, trabalho análogo às condições escravas; e, 7) possui a maior concentração de terra do país.

Portanto, o agro não é pop como nos é apresentado pela Rede Globo de Televisão.





**Imagem 3** - Capa do livro *Assassinatos no Campo*, com os dados acerca dos crimes ocorridos nas áreas rurais brasileiras entre os anos 1964-1986. MST. *Assassinatos no campo – crime e impunidade. 1964-1986*. São Paulo: Global, 1987.



**Imagem 4** - Capa do livro *Retrato da Repressão Política no Campo Brasil 1962-1985*. Livros como este revelam a história violenta das relações humanas no campo. In: CARNEIRO, Ana. *Retrato da repressão política no campo*. Brasília, MDA: 2010.

**Fonte: Levante Popular da Juventude.**

Os movimentos populares de trabalhadores que lutavam por melhores condições de trabalho e de vida foram alvos de uma terrível repressão que os perseguiram com intuito de gerar pavor na classe trabalhadora e lhes impedir de lutar pelas suas demandas.

O período de ditadura militar sendo um período de alta repressão aos movimentos sociais, não deixaria passar os movimentos camponeses que lutavam, dentre outras coisas, por melhores condições de vida e pela reforma agrária. O projeto das ligas camponesas foi derrotado, mas não sem antes haver muita luta dos homens e mulheres que compunham as ligas camponesas, que lutaram até o fim em defesa de um projeto mais justo de sociedade. Nesse contexto os militares, aliados ao bloco agroindustrial (a classe dominan-

te) utilizava-se dos veículos de mídia para criar pavor e difamação dos movimentos camponeses afim de justificar para a sociedade civil as ações bárbaras de perseguição e repressão das ligas e movimentos camponeses.

Após o golpe militar de 1964 todas as principais lideranças do movimento camponês foram caçadas, presas e/ou mortas: Assis Lemos, Elizabeth Teixeira, Pedro Fazendeiro, João Alfredo Dias, Ophélia Amorim e tantas outras lideranças e pessoas que estavam envolvidos, direta ou indiretamente, com as ligas camponesas.



**Elizabeth Altina Teixeira, brasileira, paraibana, viúva de João Pedro Teixeira, assumiu a liderança das Ligas Camponesas de Sapé. Foi perseguida, pelos grandes latifundiários e suas milícias, presa pelo exército após o golpe de 1964 no I Grupamento de Engenharia, onde a mesma relata que recebeu um bom tratamento e**

tinha direito de receber visitas de familiares, posteriormente foi liberada e recebeu um alerta de que a mesma não poderia voltar para casa. Diante disso Elizabeth se viu obrigada a se separar de seus filhos e deixá-los sobre os cuidados de terceiros, fugir da Paraíba levando consigo apenas um de seus onze filhos, se abrigar no estado do Rio Grande do Norte, na cidade de São Rafael, em uma casa cedida por um dos amigos de seu falecido esposo e trocar seu nome, passando a ser conhecida como Marta Maria da Costa, tudo com o objetivo de não ser identificada e que seus filhos não sofressem, dando início a quase vinte anos de clandestinidade, longe de seus filhos.

Só após a Lei de Anistia de 1979 e de seu reencontro com o cineasta Eduardo Coutinho, diretor do documentário “Cabra Marcado para Morrer”, no início da década de 1980, Elizabeth conseguiu deixar sua vida de clandestinidade, voltar à Paraíba, retomar seu verdadeiro nome e procurar seus filhos. Hoje Elizabeth Teixeira mora em João Pessoa, ainda viva, figura como um grande símbolo de força e resistência do movimento camponês.



**Francisco de Assis Lemos, brasileiro, paraibano, agrônomo e aliado dos movimentos camponeses, foi deputado estadual da Paraíba, mas teve seu mandato cassado. Foi preso dia 6 de abril de 1964 em Recife, foi transferido para João Pessoa dia 9 de abril e depois transferido para Fernando de Noronha. Pouco tempo depois voltou a ser transferido novamente para João Pessoa onde ficou preso na mesma cela em que “Nego Fuba” e Pedro Fazendeiro. Após o final da ditadura militar, o mesmo escreveu um livro intitulado “O Vietnã que não houve: ligas camponesas e o golpe de 1964”, relatando os momentos difíceis que o movimento camponês de Sapé passou no período da ditadura militar**



**João Alfredo Dias, (1932-1964), também conhecido como “Nego Fuba”, brasileiro, paraibano, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), filho de camponeses e com grande apreço por política e pela luta dos pobres no Brasil. Seu pai morava com a família na Usina Santa Helena, propriedade de Renato Ribeiro Coutinho. Diante de tanta violência, “Nego Fuba” sai da usina e vai morar em Sapé.**

**Ainda no início da década de 1950, já havia sido preso três vezes devido a sua militância e em uma dessas vezes chegou a ser torturado. Em 1955, junto de João Pedro Teixeira e Pedro Fazendeiro planejaram e iniciaram o movimento de organização dos camponeses para a luta contra a exploração dos latifundiários. Ao fundar a Liga Camponesa de Sapé, João Alfredo foi escolhido**

para o cargo de orador, devido a fama de seus célebres discursos contra a violência no campo. Ainda antes de 1964, teve sua casa invadida duas vezes pelos soldados do exército com intuito de prendê-lo, sob a desculpa de estarem procurando supostas armas que vinham de Cuba e da China.

Nego Fuba conseguiu fugir do cerco militar da PM feito em Sapé, no dia 1 de abril, contando com a ajuda dos médicos Delosmar Mendonça e Alceu Colaço. Alguns dias depois os militares descobriram o paradeiro de João Alfredo, o prenderam e mandaram para o 15º Regimento de Engenharia, junto com vários outros presos políticos, onde há vários relatos e testemunhos de que ele foi espancado. Foi solto em 19 de junho de 1964, aconselhado por seu pai e seu irmão a fugir, mas preferiu continuar em Sapé, foi preso novamente 15 dias depois de sua soltura. No dia 29 de agosto de 1964, durante a noite, João Alfredo Dias, o Nego Fuba, foi liberado de sua prisão e está desaparecido desde então, sendo considerado desaparecido político do período da ditadura militar.



**Francisco de Assis Lemos, brasileiro, paraibano, agrônomo e aliado dos movimentos camponeses, foi deputado estadual da Paraíba, mas teve seu mandato cassado. Foi preso dia 6 de abril de 1964 em Recife, foi transferido para João Pessoa dia 9 de abril e depois transferido para Fernando de Noronha. Pouco tempo depois voltou a ser transferido novamente para João Pessoa onde ficou preso na mesma sela em que “Nego Fuba” e Pedro Fazendeiro. Após o final da ditadura militar, o mesmo escreveu um livro intitulado “O Vietnã que não houve: ligas camponesas e o golpe de 1964”, relatando os momentos difíceis que o movimento camponês de Sapé passou no período da ditadura militar.**



**Pedro Inácio de Araújo, (1908-1964), conhecido também como “Pedro Fazendeiro”, brasileiro, paraibano nascido em Itabaiana, uniu-se a João Pedro Teixeira e João Alfredo Dias para fundar a Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé (conhecida também como Liga Camponesa de Sapé) e foi eleito como 2º secretário da entidade. Era filho de agricultores e, na infância, trabalhava com o pai. Já adulto e casado começou a vender tecido (na época conhecido como fazenda, daí seu codinome Pedro “fazendeiro”) e trabalhou como posseiro nas terras de Pedro Ramos Coutinho. Também trabalhou como bombeiro em um posto de gasolina na cidade de Sapé.**

**Era militante do Partido Comunista Brasileiro chegando a viajar para Cuba, em 1962, em companhia de**

**Francisco Julião. Ainda antes do Golpe Militar de 1964, Pedro Fazendeiro já havia sofrido dois atentados contra sua vida a mando dos grandes latifundiários. Após o golpe e o terror instalado no município de Sapé, soldados da polícia militar e do exército, com auxílio de jagunços contratados pelos latifundiários, ocuparam a cidade, as propriedades onde viviam os camponeses, prenderam e espancaram lideranças do movimento. Pedro Fazendeiro conseguiu escapar do cerco, mas teve sua casa invadida diversas vezes pelos policiais, causando medo a sua esposa e seus filhos.**

**No dia 28 de abril de 1964, Pedro Fazendeiro decidiu se entregar ao 15º Regimento de Infantaria do exército, foi preso, interrogado e torturado. Foi solto no dia 7 de setembro de 1964 e desde então está desaparecido, sendo mais um dos mortos e desaparecidos políticos da ditadura militar. A esposa Maria Júlia Araújo e sua filha Josineide foram procurá-los no 15 RI para as quais responderam que o mesmo havia sido solto.**

“Nego Fuba” e Pedro Fazendeiro foram torturados pelas mãos do Major Cordeiro, alegando e questionando que os dois líderes camponeses haviam assassinado o fazendeiro Rubens Régis.

No dia 10 de setembro de 1964 uma matéria do Jornal Correio da Paraíba publicou foto e uma matéria dando conta de dois corpos encontrados pelo vaqueiro Severino José da Silvana na estrada que liga Campina Grande a Caruaru, mais precisamente no município de Alcantil. Seriam os corpos de “Nego Fuba” e Pedro Fazendeiro?

A conclusão da Comissão Estadual da Preservação da Memória da Paraíba é a de que os dois foram assassinados pelo Cabo Chiquinho, após serem libertados da prisão à noite. As famílias dos líderes camponeses fizeram o reconhecimento dos corpos cujos indícios foram levaram a Comissão dos Direitos Humanos da Câmara Federal, 30 anos depois da reportagem do Correio da Paraíba, para Alcantil na tentativa de encontrar os corpos.

Segundo consta no Relatório da Comissão Estadual da Verdade da Paraíba, “acompanhou as buscas ao local onde supostamente estariam os corpos, uma comissão formada pelo deputado federal Gilvan Freire e os deputados estaduais Francisca Motta, Zenóbio Toscano e Luís Couto, além do assessor parlamentar Waldir Porfírio. Os familiares de Pedro Fazendeiro foram representados, naquela ocasião, pelas suas filhas, Nadieje e Josineide Maria de Araújo”. Os corpos não foram encontrados 30 anos depois. O Relatório da Co-

missão da Verdade considera três hipóteses: 1) a estrada onde foram localizados os corpos era de barro em 1964 e, agora, era de asfalto; 2) já haviam se passado 31 anos que os corpos tinham sido enterrados; 3) a ditadura quando sabia da localização dos corpos desapareciam com os restos mortais das vítimas; e conclui: “Se aqueles corpos são mesmo de Pedro Fazendeiro e Nego Fuba, como tudo leva a crer, essas são as explicações mais prováveis para não terem sido encontrados”.



**Ophélia Maria de Amorim, brasileira, paraibana, advogada, militante e defensora da causa das Ligas Camponesas na Paraíba. Foi presa e acusada em cinco processos-crime, não havendo condenação em nenhum deles, mas ficando marcada como ativista contra a ditadura militar. Sua história de parceria com as ligas camponesas se dá através dos trabalhos prestados a causa dos camponeses, advogando diversas vezes em defesa das Ligas Camponesas e de seus membros, sejam em processos de acusação por parte dos camponeses para com os latifundiários, seja em defesa dos camponeses das acusações feitas pelos grandes donos de terra.**

**Após o golpe de 1964, Ophélia Amorim passou a ser procurada pelo estado da Paraíba, foi presa e levada para o 15° RI junto de outras mulheres, mais tarde foi transferida para o Grupamento de Engenharia, sendo inclusive companheira de cela de Elizabeth Teixeira nesse momento tão difícil. Ophélia Amorim respondeu por cinco processos-crime contra a Lei de Segurança Nacional, todo esse estresse e perseguição fizeram com que a mesma decidisse se mudar da Paraíba para o estado de São Paulo, onde vive atualmente.**



**Adauto Freire da Cruz (1924-1979), nascido em Bananeiras, participou das ligas camponesas, sendo um dos apoiadores e articuladores da campanha de Elizabeth Teixeira à deputada estadual em 1962. Adauto Freire era ligado ao PCB desde 1946. Em 1961 viajou para Cuba para fazer um curso de guerrilheiro. Desligou-se do PCB para se juntar as ligas lideradas por Francisco Julião. Depois do Golpe de 1964, respondeu a vários inquéritos policiais militares e depois optou pela clandestinidade, indo morar no Rio de Janeiro com o nome de Celestino Alves da Silva. Ele morreu lu-**

tando contra a Ditadura Militar em defendendo a anistia ampla, geral e irrestrita. Em 1979, quando voltava de ônibus de Niterói para Teresópolis, a polícia entrou no ônibus que foi parado em uma blitz e pediu o documento de identificação de Aduino. Ele respondeu que havia esquecido em casa e os policiais o jogaram para fora do ônibus, agrediram ele e encontraram panfletos que ele e sua esposa levavam para o trabalho político em defesa da anistia. Com as agressões policiais, Aduino Freire infartou ali mesmo, no ano de 1979. A Comissão Nacional da Verdade reconheceu que ele foi vítima de crime cometido pelo Estado Brasileiro durante a Ditadura Militar.

## O QUARTEL DE SAPÉ

Em março de 1964, a mando do governador Pedro Gondim, havia sido instalado um Quartel General da polícia Militar com o pretexto de manter a ordem e evitar possíveis conflitos. Quartel General esse que estava sob o comando do Coronel Luiz de Barros, homem ligado diretamente aos líderes da associação dos latifundiários, evidenciando que a intenção do estado era barrar ou pelo menos dificultar a organização dos movimentos camponeses daquela região.

O Quartel General de Sapé representou um dos pontos de maior violência para com os camponeses de toda a região, prendendo, torturando, semeando o terror em toda a

população local e em seus arredores, intimidação para com o funcionamento das ligas camponesas era a lei e tal repressão obviamente geraria resistência. Diz Assis Lemos sobre o plano de tomada do Quartel General de Sapé por parte dos camponeses:



**“Os camponeses, levados pelo ódio e pela revolta, tinham planejado tudo, não prevendo as consequências. Discutimos por toda a manhã. Eles, irredutíveis, estavam dispostos a morrer, se necessário. Não admitiam a presença daquele quartel pois sabiam qual a intenção de sua existência...” (LEMOS, Francisco de Assis, 1996, p. 199)**

O movimento camponês estava pronto para revidar a conduta da polícia militar a todo custo, sem pensar ou se importar com as consequências que viriam. Os planos para a

tomada do Quartel General foram adiados devido aos esforços de Assis Lemos para tentar encontrar uma via pacífica para resolver tal situação, mas mal poderiam imaginar que o que viria a seguir seria um projeto de dominação ainda pior, mais repressivo e mais brutal.

# 10

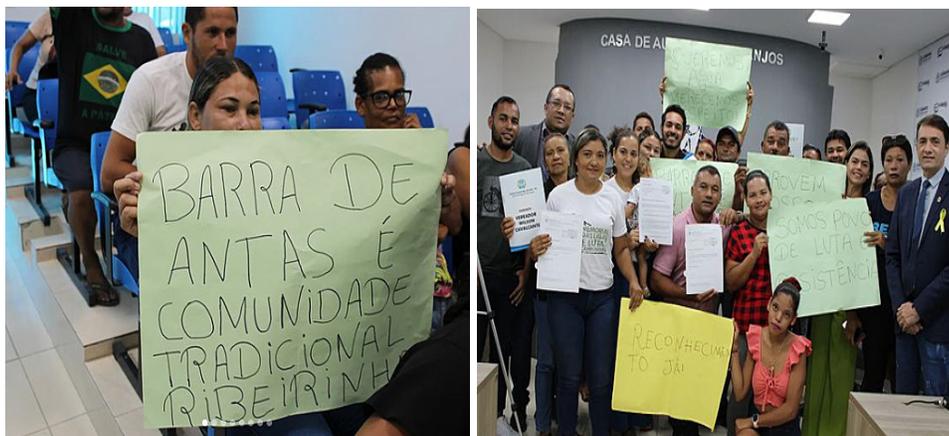
## HISTÓRICO DO TERRITÓRIO CAMPONÊS

O Território Camponês composto pela Comunidade Tradicional Ribeirinha de Barra Antas, Beira Rio e Chã de Barra, está localizado às margens do Rio Gurinhém, no município de Sapé, PB. Existe a mais de 160 anos, como apresenta suas arquiteturas, matérias jornalísticas e luta pela terra, datadas de 1897. Também a Capela de Nossa Senhora da Conceição, publicação do Jornal O Publicador, de 1869, além da construção da estrada que atravessa o território.

É parte desse território a histórica luta por reforma agrária realizada pelas Ligas Camponesas (1958-1964), a luta pela terra no Acampamento Antas (1997-2023), a luta pelo reconhecimento de sua tradicionalidade junto ao Ministério Público Federal da Paraíba (MPF/PB), através do Parecer Técnico N°04/2017 – SEAP/CRP5/ISF.

Já o Decreto 38.899, de 19 de dezembro de 2018 declara o tombamento da casa onde viveu João Pedro Teixeira e o Projeto de Lei 029/2023 que Reconhece os Povos e Comunidades Tradicionais, no município de Sapé/PB organizada pelos camponeses no Estado da Paraíba.

As imagens a seguir são registros de um momento de luta das comunidades de Barra de Antas, Beira Rio e Chã da Barra, pelo reconhecimento oficial como Comunidade e Povos Tradicionais, ocorrido na Câmara Municipal de Sapé, em 11 de maio de 2023. Na ocasião foi aprovado o PL 029/2023. A partir de então, os moradores continuarão a luta em defesa de direitos sociais para uma comunidade camponesa ribeirinha.



Fonte: <https://www.brasildefatopb.com.br/>.

**Barra de Antas, Chã de Barra, Beira Rio, Sítio Alegre, Sítio Guariba, Sítio Bonito, Assentamento Nova Vivência e outros sítios atingidos resistiremos! Águas para vida e não para morte! Resistir pra existir!!!!!!! Não a barragem.**



Autor da imagem Flávio Barbosa

Fonte: <https://sape.pb.pt.org.br/>.

Essa imagem consta no *site* do Partido dos Trabalhadores (PT) de Sapé. Como podemos ver, o partido cobra esclarecimento ao governo do estado e manifesta solidarieda-

de às comunidades ameaçadas pela possível construção de uma barragem no Rio Gurinhém que cobriria todas as comunidades e assentamentos, expulsando, centenas de famílias que vivem e convivem às margens do rio.

Até o momento as informações que se têm são extra-oficiais, já que o governo estadual não se pronunciou, nem enviou representante para participar da audiência pública realizada pelo Memorial das Ligas e Lutas Camponesas em 11 de fevereiro de 2022.

O que se especula é que o governo já fez demarcação topográfica no local e que a construção da barragem faz parte do projeto do canal Acauã-Araçagi e que o projeto tem sido feito à revelia das próprias comunidades. Se esse projeto se concretizar, certamente, vai ter muita luta e muita resistência.

# IMAGENS DA AUDIÊNCIA PÚBLICA REALIZADA EM BARRA DE ANTAS (11/FEVEREIRO/2022)



Fonte:antigo.paraiba.pb.gov.br.

## IMAGEM DO DIA DO TOMABAMENTO DO MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS E DESAPROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO (2012)



Essa fotografia histórica é do ano de 2012. Nela vemos o então governador da Paraíba, Ricardo Coutinho, participando da solenidade de comemoração dos 50 anos do assassinato de João Pedro Teixeira. Na ocasião o então governador fez a entrega simbólica das chaves da casa à Elizabeth e assinou o decreto de desapropriação de 7 hectares de terra para o memorial, num gesto de reparação histórica e de construção da memória dos camponeses. Nesse ano é que tem início as atividades do memorial na casa onde moraram João Pedro e Elizabeth Teixeira, pois antes o mesmo funcionava em outra casa na comunidade.

A casa se transformara em lugar de memória camponesa, onde lembrar o passado é instrumento da luta de classe do presente rumo a construção de uma sociedade futura igualitária, livre do atual agronegócio. O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas, criado em 2006, foi tombado no ano de 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP).

O governador estava acompanhado de figuras históricas como Elizabeth Teixeira, o arcebispo D. José Maria Pires, de Anacleto Julião, (filho de Francisco Julião), de Marina (filha de “Nego Fuba”), dos ex-deputados Agassis Almeida e Assis Lemos, além do representante da direção do MST, João Pedro Stédile.

O Território é o berço das Ligas Camponesas paraibanas, que constituíram um dos movimentos sociais mais representativos do século XX, no mundo agrário brasileiro. Movimento também conhecido internacionalmente por conta do seu formato inovador de organização, expressão política e social das/os camponesas/es. São protagonistas de um denso legado de luta social no campo pela reforma agrária e por direitos sociais, dimensão mais visível da luta de classes no campo brasileiro.

E é por seu perfil de resistência e organizativo que o latifúndio investe na perseguição e violência intensificada a partir de 1946 atravessando a Ditadura Militar (1964-1985) e atualmente, falta de acesso as políticas públicas que resulta em seu empobrecimento, configurando no território um

processo de apagamento das memórias e histórias da classe camponesa. A comunidade, mesmo, diante das diversas e violentas perseguições, foi e é um lugar de acolhimento de muitas famílias camponesas.

E foi a partir do formato organizativo das Ligas Camponesas que a reforma agrária ressurgiu na região e hoje somam 9 assentamentos da reforma da agrária e mais de 300 famílias assentadas em todo município.

A partir da organização institucional, o Memorial carrega em sua Missão: contribuir com a afirmação da identidade do povo camponês, promovendo a preservação da memória e história das ligas e lutas camponesas brasileiras, articulações nacionais e internacionais; ações culturais, formação em Educação Popular, Direitos Humanos e Agroecologia na Paraíba.

Assumindo, junto ao território, um projeto de vidas que proporcione dignidade e soberania no campo. Com a reforma agrária popular que é de fato um projeto de mitigação das desigualdades existentes no campo, almejamos que os projetos executados e em execução, juntos e com o território, fortaleça a consciência de classe que existe nas memórias individuais e coletivas das/os moradoras/es que vivenciam o cotidiano e movem as engrenagens das comunidades.

Nessa caminhada, o MLLC com o Território Camponês, cultiva e fertiliza as memórias das ligas e das lutas camponesas possibilitando uma colheita diversa e vasta, em especial,

criticando o latifúndio afim de romper com sua estrutura e com a memória oficial que silencia os camponeses e camponesas.

Deste modo, as atividades ocorrem, a princípio, com a exposição de curta duração “Barra de Antas, terra onde luto e danço” que oferece aos visitantes a conexão histórica e o envolvimento das comunidades na luta por garantias de direitos, desde, sua formação social atravessando as ligas camponesas e as lutas atuais no território, assim como, as valorosas manifestações culturais que são patrimônios materiais e imateriais da classe camponesas, sendo elas: teatro de bonecos (babau), renda de bilro, a pesca artesanal, a produção de tapetes de pano e saco, produção de redes de pescas (tarrafas, redes de arrastos e jereré), grupo de catirina e xaxado, culinária e etc.

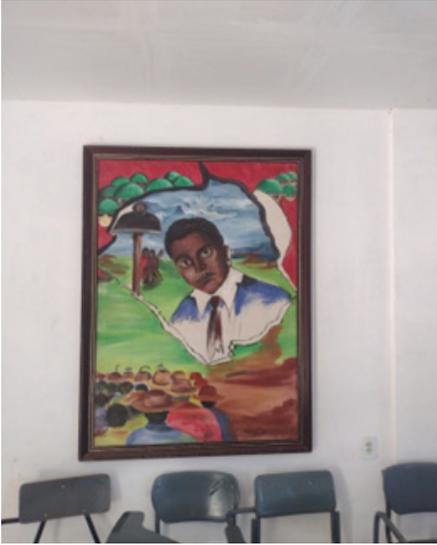




Em seguida, com a exposição permanente, conectamos as lutas camponesas e seu atravessamento na atualidade, com isso, apresentamos expositores com matérias de jornais, requerimentos parlamentares, Hino Camponês, ABC Camponês, Estatuto das Associações Camponesas, imagens da família de Elizabeth Teixeira, João Pedro Teixeira e seus 11 filhos, Homenagens dos filhos de Pedro Fazendeiro, Ata que impôs a renúncia de “Nego Fuba” na Câmara de Vereadores de Sapé, fotografias de “Nego Fuba”, Quadros desenhados em pastel e óleo de lideranças, Carteirinha de associados das Ligas Camponesas, Microfone e fotos das mobilizações camponesas entre outros materiais que nos remetem a dinâmica das ligas camponesas.

## PARTE DO ACERVO DO MEMORIAL DAS LIGAS E LUTAS CAMPONE- SAS





Nos últimos anos, o MLLC tem apontado caminhos estratégicos para sintonizar identidade e memória histórica com a luta cotidiana das comunidades envolvidas, uma grande ação dessa unidade é o reconhecimento de sua tradicionalidade, o reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais, o tombamento do MLLC, os reconhecimentos de utilidade pública estadual e municipal do MLLC, a inserção do nome de João Pedro Teixeira no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, no Memorial do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, a Semana das Ligas Camponesas, a Inserção de Elizabeth, João Pedro Teixeira e outros lutadores das Ligas Camponesas no currículo escolar do município de Sapé/PB, a celebração em Memória dos/as Mártires da Luta Pela Terra e outras atividades demandadas pelo território.

O 2 de abril é marcado por um ato político e cultural realizado no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas. O ato reúne partidos políticos de esquerda e movimentos sociais do campo, movimentos estudantis e de juventude, universidades e demais movimentos populares. O cartaz que segue foi feito para divulgar o ato desse ano de 2023, por ocasião dos 62 anos do assassinato de João Pedro Teixeira.

**ATO EM MEMÓRIA DOS (AS)  
MÁRTIRES DA LUTA PELA TERRA**

CULTIVANDO NOSSA HISTÓRIA E COLHENDO RESISTÊNCIAS CONTRA AS VIOLÊNCIAS DO PRESENTE.

**Domingo  
02 | 14H  
Abril**

LOCAL MEMORIAL DAS LIGAS E LUTAS CAMPESESAS  
DOMÍNIO TRADICIONAL DE SERRA DE ANTAS  
SAPÉ / PB

**02 de Abril  
1962**

**Dia do Assassinato de João  
Pedro Teixeira**

Você sabia que em 02 de abril de 1962, foi assassinado um dos maiores Líderes das Ligas Camponesas de Sapé? E desde o ano 2002, o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (MLLC) em parceria com as organizações Sociais realiza um ato em Memória a João Pedro Teixeira e a todos/as Martíres da terra que tiveram suas vidas ceifadas na Luta por Reforma Agrária! Assim reafirmamos que "Continuaremos suas LUTAS"

**Vem com a gente realirmar a  
LUTA, domingo, dia 02/04**



Sabemos que a luta é diária e nossos opressores não dormem, por isso, garantir a reforma agrária popular e o direito à memória, verdade, justiça, reparação e democracia é a nossa vida. Estamos numa disputa de narrativas no interior da luta de classes, dentro de nossa própria história

e lutar para re-existir em nossa re-existência é o caminho mais digno de nossa classe camponesa.

# 11

## **MEMORIAL DAS LIGAS E LUTAS CAMPONESAS/SAPÉ-PB: BARRA DE ANTAS- PROPOSTA INTERDISCIPLINAR SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS**

O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas foi criado em 2006, na comunidade de Barra de Antas, no município de Sapé, interior do Estado da Paraíba. Toda sua história foi e continua sendo possível graças ao esforço dos camponeses da região, que perceberam a importância de preservar a história das ligas camponesas, conhecidas, nacionalmente, pelo assassinato do líder camponês, João Pedro Teixeira, em 02 de abril de 1962. Mas para entender melhor sua missão institucional e linhas de ação programática, será apresentado um breve contexto sobre as Ligas Camponesas.

O surgimento das Ligas Camponesas é atrelado ao movimento de luta e resistência contra a concentração da terra e do capital, mobilizando muitas famílias no interior do estado de Pernambuco. E foi na comunidade de Vitória de Santo Antão, em 1955, que a comunidade se organizou e formou uma associação de foreiros no Engenho Galileia, chamada Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco (SAPP), composta por 140 famílias que viviam, ao todo, em cerca de 500 hectares de terra. Essa associação foi

criada como iniciativa da sociedade civil organizada, e teve como objetivo inicial, a fundação de uma escola primária na região e a criação de um fundo mútuo para arrecadar fundos para a compra de caixões mortuários para enterrar crianças que faleciam na localidade. Com o apoio importante da população urbana, foi possível formar uma frente política com políticos de diversos partidos, onde destaca-se a presença de Francisco Julião, membro do PSB, e que veio a se tornar um dos grandes líderes dessa luta, contribuindo para que os enfrentamentos dos camponeses com os latifundiários se tornassem fatos políticos e de reconhecimento nacional. Dessa forma, o movimento se espalhou por treze estados da federação, tendo seu primeiro congresso marcado para junho de 1964, onde seriam debatidas e aprovadas suas teses programáticas, que acabou não ocorrendo em função do Golpe Militar de 1964, que perseguiu e levou à clandestinidade muitos de seus lutadores e apoiadores.

As Ligas Camponesas deixaram um legado muito importante para os movimentos do campo, influenciando, hoje, movimentos como a Via Campesina e o Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Sua atuação na Paraíba também foi muito importante, sob a liderança do camponês João Pedro Teixeira, barbaramente assassinado em 02 de abril de 1962, e de sua companheira, Elizabeth Teixeira, que assumiu a luta pela reforma agrária após a morte de seu companheiro.

Com o golpe militar, Elizabeth foi obrigada a abandonar sua família e a viver na clandestinidade, durante quase todo o período ditatorial, retornando à Paraíba somente em 1984, para protagonizar o filme do cineasta Eduardo Coutinho, “Cabra marcado para morrer” (1984), que resgatou a trajetória de lutas das Ligas Camponesas da Paraíba e a história de João Pedro e Elizabeth.

A influência e o legado da atuação de João Pedro e de Elizabeth estão presentes até os dias de hoje na vida dos movimentos sociais do campo paraibano, tendo influenciado fortemente a luta pela terra nos anos 1990, quando camponeses foram às ruas, com o apoio da sociedade civil, ocupando a cidade e exigindo do poder público atitudes e medidas em relação ao tema da reforma agrária. Dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) mostram que hoje existem na Paraíba 295 assentamentos da reforma agrária, sendo muitos oriundos desse processo de lutas dos anos 1990, que acabou por desapropriar antigos engenhos e tornar às casas-grandes em sedes de assentamentos.

Essa rica história faz parte da memória das lutas dos camponeses no Brasil e necessita ser mantida para que as lutas das gerações futuras possuam referências em relação ao seu passado, à história de seus territórios e de seus movimentos, muito importante para a continuidade das lutas no campo.

## MATERNAL

O eu, o outro e o nós.

(EI02EO05) Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.

Corpo gesto e movimento

(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.

Traços, sons, cores e formas.

(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.

Escuta, Fala Pensamento e Imaginação.

(EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.

Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações.  
(EI02ET05)

Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).

## ATIVIDADES

**Personagens das Ligas Camponesas**

Levar para a sala de aula as imagens de algumas pessoas que fizeram parte das Ligas camponesas, explicando sua importância para a garantia de direitos na terra. João Pedro Teixeira, Sandoval, Elizabeth, Negro Fubá Margarida Maria Alves.

**Cores da bandeira das ligas Camponesas**

**Pintura da bandeira das Ligas.**

Realizar a pintura da bandeira das Ligas Camponesas, trabalhando com as cores pretas, vermelho branco.

### **Formas da bandeira das Ligas Camponesas**

**Trabalhar as formas geométricas que compõe a bandeira das Ligas.**

**Narrar à importância da mulher e do homem do campo.**

**Desenhos: Pintura realizada pelos alunos sobre a agricultura familiar.**

## **PRÉ I e II**

**O eu, o outro e o nós.**

**(EI03E006) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.**

**Corpo gesto e movimento**

**(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.**

**Traços, sons, cores e formas.**

**(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.**

**Escuta, Fala Pensamento e Imaginação-**

**(EI03EF01)**

**Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.**

**Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações.**

**(EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.**

## **ATIVIDADES**

### **Personagens das Ligas Camponesas**

Levar para a sala de aula as imagens de algumas pessoas que fizeram parte das Ligas camponesas, explicando sua importância para a garantia de direitos na terra. João Pedro Teixeira, Sandoval, Elizabeth, Negro Fubá Margarida Maria Alves.

### **Cores da bandeira das ligas Camponesas**

Realizar a pintura da bandeira das Ligas Camponesas, trabalhando com as cores pretas, vermelho branco.

### **Formas da bandeira das Ligas Camponesas**

Trabalhar as formas geométricas que compõe a bandeira das Ligas.

Narrar à importância da mulher e do homem do campo.

Desenhos: Pintura realizada pelos alunos sobre a agricultura familiar

## 1º ANO

**Personagens das Ligas Camponesas.**

**Trabalhando com a escrita dos nomes**

**Elaboração do nome através do alfabeto móvel.**

**Quantidade de letras, vogal e consoante em cada nome;**

**Leitura dos nomes**

**Divisão silábica**

**Vogais e consoantes.**

**(EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas.**

**(EF01LP04) Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos.**

**(EF01LP05) Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala.**

**(EF01LP06) Segmentar oralmente palavras em sílabas.**

**(EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.**

**Formas Geométricas**

**Trabalhar a sequência dos meses do ano e identificar no calendário o dia mês e ano que o camponês João Pedro Teixeira morreu.**

**(EF01MA14) Identificar e nomear figuras planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo) em desenhos apresentados em diferentes disposições ou em contornos de faces de sólidos geométricos.**

**(EF01MA18) Produzir a escrita de uma data, apresentando o dia, o mês e o ano, e indicar o dia da semana de uma data, consultando calendários.**

**Valorização da mulher e homem do campo (trabalhar o espaço rural)**

**(EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares.**

**Conversa oral sobre a importância da mulher e do homem do campo**

**(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.**

**A Participação familiar na produção**

**(EF01CI01) Comparar características de diferentes materiais presentes em objetos de uso cotidiano, discutindo sua origem, os modos como são descartados e como podem ser usados de forma mais consciente.**

**Cores da bandeira das ligas Camponesas**

**(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).**

## 2º ANO

**Personagens das Ligas Camponesas.**

**Trabalhando com a escrita dos nomes**

**Elaboração do nome através do alfabeto móvel.**

**Quantidade de letras, vogal e consoante em cada nome;**

**Leitura dos nomes**

**Divisão silábica**

**Vogais e consoantes.**

**(EF02LP01) Utilizar, ao produzir o texto, grafia correta de palavras conhecidas ou com estruturas silábicas já dominadas, letras maiúsculas em início de frases e em substantivos próprios, segmentação entre as palavras, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.**

**(EF02LP02) Segmentar palavras em sílabas e remover e substituir sílabas iniciais, mediais ou finais para criar novas palavras.**

**(EF02LP07) Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva.**

**(EF02LP18) Planejar e produzir cartazes e folhetos para divulgar eventos da escola ou da, utilizando linguagem persuasiva e elementos textuais e visuais (tamanho da letra, leiaute, imagens) adequados ao gênero, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.**

**(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais**

**Participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.**

**Forma geométrica**

**(EF02MA15) Reconhecer, comparar e nomear figuras planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo), por meio de características comuns, em desenhos apresentados em diferentes disposições ou em sólidos geométricos. 3º ANO Trabalhar a sequência dos meses**

do ano e identificar no calendário o dia mês e ano que o camponês João Pedro Teixeira morreu. (EF02MA09) Construir sequências de números naturais em ordem crescente ou decrescente a partir de um número qualquer, utilizando uma regularidade estabelecida. (EF02MA18) Indicar a duração de intervalos de tempo entre duas datas, como dias da semana e meses do ano, utilizando calendário, para planejamentos e organização de agenda. Valorização da mulher e homem do campo (trabalhar o espaço rural) (EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência. Conversa oral sobre a importância da mulher e do homem do campo (EF02HI08) Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes. Cores da bandeira das ligas Camponesas. (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).A Participação amiliar na produção

### 3º ANO

**Personagens das Ligas Camponesas.**

**Trabalhando com a escrita dos nomes**

**Elaboração do nome através do alfabeto móvel.**

**Quantidade de letras, vogal e consoante em cada nome;**

**Leitura dos nomes**

**Divisão silábica**

**Vogais e consoantes.**

**(EF03LP05) Identificar o número de sílabas de palavras, classificando-as em monossílabas, dissílabas, trissílabas e polisílabas.**

**(EF35LP17) Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulam em meios impressos ou digitais.**

**(EF35LP27) Ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.**

**(EF03LP02) Ler e escrever corretamente palavras com sílabas CV, V, CVC, CCV, VC, VV, CVV, identificando que existem vogais em todas as sílabas.**

**Forma geométrica**

**(EF03MA15) Classificar e comparar figuras planas (triângulo, quadrado, retângulo, trapézio e paralelogramo) em relação a seus lados (quantidade, posições relativas e comprimento) e vértices.**

**Valorização da mulher e homem do campo (trabalhar o espaço rural)**

**Conversa oral sobre a importância da mulher e do homem do campo**

**A Participação familiar na produção**

**(EF03GE01) Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo.**

**(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.**

**(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).**

**(EF03HI08) Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.**

**(EF03CI10) Identificar os diferentes usos do solo (plantação e extração de materiais, dentre outras possibilidades), reconhecendo a importância do solo para a agricultura e para a vida.**

Poema, caracterização do poema através de desenhos.

Nossa vida camponesa  
Casa grande ou pequena  
Com jardim cheio de flor  
Onde mora uma família  
Gente fina sim, senhor.

Bem ao lado desta casa  
Tem uma grande plantação  
Abacate, manga e goiaba.  
Um pomar se forma então.

E para alimentar as galinhas  
Tem o milho e o xerém e até  
A da vizinha vem comer  
Aqui também.

Para findar nossa conversa quero  
Dizer então, ser agricultor é vida,  
Pois produzimos o pão alimentando  
Campo e cidade essa é uma bela missão.

**Autor: Cosmo Galdino dos Santos, 11/07/2022**

Identificar as culturas de plantio realizadas pelas famílias camponesas, colocando o nome de cada cultura produzida;

- **Museu:** Trabalhar junto aos alunos a definição do que é museu e apresentar as características dos museus existentes no município de Sapé.

Localização onde estão os museus. (EF04GE01) Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.

Trazer o conceito de Comunidade Tradicional ribeirinha;

A importância dos museus para a preservação e continuidade da memória e da vida. (EF04HI01)

Trabalha linha do tempo em que ocorreu as Ligas na Paraíba e a morte de João Pedro Teixeira (EF04HI01)

A importância da agricultura familiar camponesa, para a preservação do meio ambiente. (EF04CI05) Descrever e destacar semelhanças e diferenças entre o ciclo da matéria e o fluxo de energia entre os componentes vivos e não vivos de um ecossistema.

Definição do que é Museu comunitário. (EF04HI03) Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.

Apresentar aos alunos as imagens, dos museus existentes no município de Sapé, explicando as características que são vivenciadas no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas;

(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.

Apresentar/ desenhar a bandeira das Ligas Camponesas; (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).

Propomos como atividade, pensar como e para onde são destinados os produtos da agricultura familiar camponesa;

Alimentação familiar;

Venda comunitária

Criar uma tabela de produtos que são produzidos na agricultura familiar; (EF04MA25) Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável.

(EF04MA20) Medir e estimar comprimentos (incluindo perímetros), massas e capacidades, utilizando unidades de medida padronizadas mais usuais, valorizando e respeitando a cultura local.

Produto	Quantidade	Valor unitário	Valor Total
Macacheira	10 Kg	R\$ 10,00	R\$ 20,00

## **5º ANO**

Poema: Caracterização do poema através de desenhos;

**Nossa vida camponesa  
Casa grande ou pequena  
Com jardim cheio de flor  
Onde mora uma família  
Gente fina sim, senhor.  
Bem ao lado desta casa  
Tem uma grande plantação  
Abacate, manga e goiaba.  
Um pomar se forma então.  
E para alimentar as galinhas  
Tem o milho e o xerém e até  
A da vizinha vem comer  
Aqui também.**

**Para findar nossa conversa quero  
Dizer então, ser agricultor é vida,  
Pois produzimos o pão alimentando  
Campo e cidade essa é uma bela missão**

**Autor: Cosmo Galdino dos Santos, 11/07/2022**

**Museu: Trabalhar junto aos alunos a definição do que é museu e apresentar as características dos museus existentes no município de Sapé.**

**Localização onde estão os museus.**

- 🕒 Trabalha linha do tempo em que ocorreu as Ligas na Paraíba e a morte de João Pedro Teixeira Características das comunidades em que os museus estão inseridos. (EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.**
- 🕒 (EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das Sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.**

**Formas da bandeira das Ligas Camponesas**  
**Atuação do homem e mulher nas Ligas Camponesas**  
**Formas dos objetos utilizados pelos agricultores**  
**Cor da terra**  
**Desenhos dos personagens das Ligas Camponesas**  
**Construção de maquete do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas**

**4 ano e 5 ano**  
**Conhecendo o espaço geográfico**  
**Nomes dos personagens que fizeram parte das Ligas Camponesas**  
**A importância dos recursos naturais para a agricultura**  
**Produção textual. (os personagens das Ligas Camponesas lutaram bastante para a garantia de direitos na terra)**

<b>PROJETO INTERDISCIPLINAR</b>		
<b>TURMA (S)</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>PERÍODO DE EXECUÇÃO</b>
EJA	Português, Matemática, Ciência, História, Geografia e Arte.	
<b>TEMA GERADOR</b>		<b>CONTEÚDO (S) PROGRAMÁTICOS (S)</b>
Ligas Camponesas		Substantivo Plural e singular Texto informativo Ligas Camponesas Formação de palavras Gênero textual (poema) Formação de frases Divisão Resolução de problemas de divisão Solo (cultivo do solo) Degradação do solo Componentes naturais da paisagem O relevo e a vegetação Ligas Camponesas (homem/mulher do campo) História das Ligas camponesas Reforma agrária, relatos e conflitos. Fotografia Ligas Camponesas Formação de palavras Palavras geradoras (cruzadinha) Formação de frases Cuidado com a alimentação Bandeira das Ligas Camponesas
<b>OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM*</b>		<b>HABILIDADES**</b>

<p>Analisar o conhecimento dos alunos sobre as Ligas Camponesas; Refletir sobre a importância das Ligas Camponesas para a sociedade;</p>	<p>(EF15LP02) (EF04LP06) (EF15LP01) (EF15LP02) (EF02LP08) (EF02LP32) (EF15LP03) (EF03LP11) (EF35LP05) (EF35LP06) (EF12LP03) (EF02LP08) (EF04MA03) (EF04MA07) (EF05MA07) (EF01MA01)</p> <p>(EF04CI08) (EF03CI10) (EF01HI07) (EF01HI06) (EF03GE03) (EF06GE10) (EF06GE11) (EF06GE05) (EF04GE11) (EF07GE05)</p>	
<p><b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS***</b></p>		
<p>Texto informativo Interpretação de texto Relatório oral e escrito Pesquisa através de celular Atividades escritas e digitalizadas Aula explicativa Entrega das atividades Desenho da bandeira das Ligas Camponesas</p>		
<p><b>AVALIAÇÃO</b></p>		
<p><b>ASPECTOS CONCEITUAIS</b></p>	<p><b>ASPECTOS PROCEDIMENTAIS</b></p>	<p><b>ASPECTOS ATITUDINAIS</b></p>
<p>Consegue esclarecer conceitos, refletindo com outros autores sobre o aprendizado para elaborar as atividades.</p>	<p>Realizar as atividades mantendo instruções apresentadas no roteiro de aulas. Enfrentar as dificuldades técnicas desenvoltura e criatividade.</p>	<p>É participativo, reflete sobre o assunto e executa as temáticas positivamente.</p>

## RECURSOS DIDÁTICOS

Livros, Xerox, e Pesquisa por Celulares.

## REFERÊNCIAS

Buriti mais história; Editora moderna; Ed: Lucimara Regina de Souza Vasconcelos. <https://nova.escola.org.br>

\*Objetivo geral

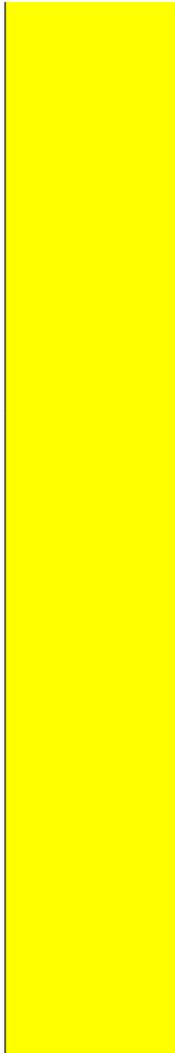
\*\*Objetivos específicos

\*\*\*Descrição detalhada do trabalho pedagógico



## PROPOSTA CURRICULAR PARA AS AULAS DE GEOGRAFIA

EIXO 1	Objeto de Conhecimento (Conceitos e noções)	Habilidades/Competências BNCC	Subtema (conteúdo)
Identificação geográfica	A comunidade;	<p>(EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares.</p> <p>(EF01GE04) Discutir e elaborar, coletivamente, regras de convívio em diferentes espaços (sala de aula, escola etc.).</p> <p>(EF01GE02) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares.</p> <p>(EF02GE01) Descrever a história das migrações no bairro ou comunidade em que vive.</p> <p>(EF02GE04) Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas em diferentes lugares.</p> <p>(EF01GE08) Criar mapas mentais e desenhos com base em itinerários, contos literários, histórias inventadas e brincadeiras.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização e vias de acesso da comunidade Tradicional de Barra de Antas;</li> <li>• Aspctos geograficos de uma comunidade ribeirinha</li> <li>• Características do solo da do territorio da Comunidade Barra de Antas;</li> <li>• Mudanças dos espaços geograficos através das interferencias humanas;</li> <li>• Divisões geograficas naturais;</li> <li>• Produção agricola</li> <li>• Agricultura familiar</li> </ul>



Comunidade Ribeirinha;

Relevo local e do município de Sapé;

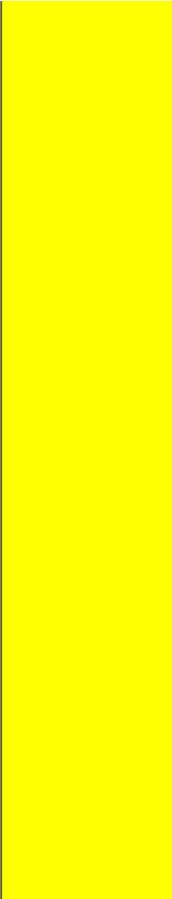
(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.  
(EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças.

(EF03GE09) Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos.

(EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas

<b>EIXO 2</b>	A transformação do espaço geográfico;	EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares. (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.
	Produção agroecológica familiar;	EF01GE07) Descrever atividades de trabalho relacionadas com o dia a dia da sua comunidade.
	Identificação das transformações locais;	(EF01GE05) Observar e descrever ritmos naturais (dia e noite, variação de temperatura e umidade etc.) em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando a sua realidade com outras EF03GE04) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares

<p><b>Geografia local</b></p>	<p><b>Hidrografia local;</b></p>	<p>(EF01GE10) Descrever características de seus lugares de vivência relacionadas aos ritmos da natureza (chuva, vento, calor etc.).</p> <p>(EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.</p> <p>(EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transformações existentes na comunidade;</li> <li>• Estudo da geografia local;</li> <li>• Estudo de solo e a flora local;</li> <li>• Construções Arquitetônicas e os aspectos geográficos;</li> <li>• Solo para a agricultura</li> </ul>
	<p><b>Flora local;</b></p>	<p>(EF02GE07) Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais.</p>	



## Comunidade tradicional

(EF03GE03) Consiste em: Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.

(EF04GE06) Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.

(EF05GE12) Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive

**EIXO 3**

**Produção familiar Camponesa**

Produção familiar camponesa.

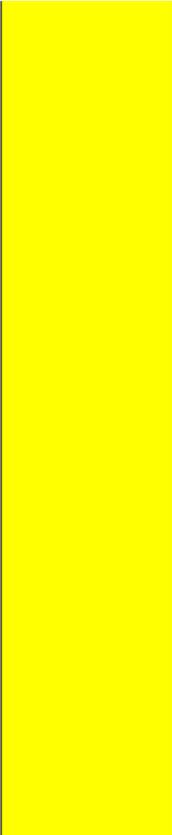
Adubação orgânica

(EF03GE05) Identificar alimentos, minerais e outros produtos cultivados e extraídos da natureza, comparando as atividades de trabalho em diferentes lugares.  
(EF01GE11) Associar mudanças de vestuário e hábitos alimentares em sua comunidade ao longo do ano, decorrentes da variação de temperatura e umidade no ambiente.

(EF03GE08) Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reúso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno.

(EF04GE08) Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias-primas), circulação e consumo de diferentes produtos.

- Preparo do solo
- Técnicas de plantio
- Correção da acidez do solo
- Tipos de cultura para diferentes tipos de solo;
- Arragem
- Cultivo das áreas com alternativas ecológicas;
- Agroindústria
- Agroindústria de base camponesa;
- Tipos de agricultura
- Agricultura familiar



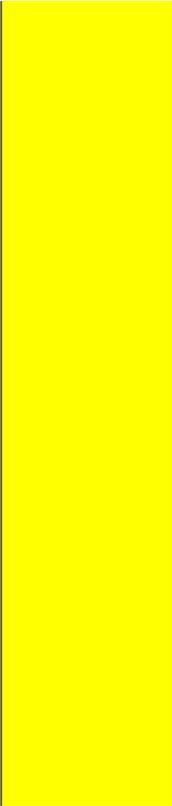
## Preparo do solo

(EF02GE11) Reconhecer a importância do solo e da água para a vida, identificando seus diferentes usos (plantação e extração de materiais, entre outras possibilidades) e os impactos desses usos no cotidiano da cidade e do campo.

(EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.

(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos.

(sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.



Agroindústria  
de base campo-  
nesa

(EF02GE07) Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais.

(EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

EF04GE08) Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias-primas), circulação e consumo de diferentes produtos.

(EF03GE10) Identificar os cuidados necessários para utilização da água na agricultura e na geração de energia de modo a garantir a manutenção do provimento de água potável.

**EIXO 4**

**Agricultura  
familiar**

(EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

EF04GE08) Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias-primas), circulação e consumo de diferentes produtos.

(EF03GE10) Identificar os cuidados necessários para utilização da água na agricultura e na geração de energia de modo a garantir a manutenção do provimento de água potável.

**Territorio é  
comunidade**

(EF07GE07) Analisar a influência e o papel das redes de transporte e comunicação na configuração do território brasileiro.

(EF07GE08) Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro.

(EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.

Territorio local	Comunidade ribeirinha	<p>(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os espaços geográficos das comunidades ribeirinhas;</li> <li>• Identificar a origem dos povos que formam a comunidade.</li> </ul>
	Mapa local;	<p>(EF01GE09) Elaborar e utilizar mapas simples para localizar elementos do local de vivência, considerando referenciais espaciais (frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) e tendo o corpo como referência.</p> <p>EF04GE10) Comparar tipos variados de mapas, identificando suas características, elaboradores, finalidades, diferenças e semelhanças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Degradação do solo;</li> <li>• Desertificação</li> <li>• Agrotóxico e solo</li> </ul>

	<p>Povos locais e suas origens</p>	<p>(EF03GE01) Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo.</p> <p>(EF03GE02) Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens.</p> <p>(EF02GE01) Descrever a história das migrações no bairro ou comunidade em que vive.</p> <p>(EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças.</p>
	<p>Vegetação local;</p>	<p>(EF03GE04) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares</p> <p>EF02GE05) Analisar mudanças e permanências, comparando imagens de um mesmo lugar em diferentes tempos</p>

**ALGUMAS SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA  
AULA DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II (6º  
AO 9º ANO)**

**Trabalhar com oficinas e linguagens historiográficas (música, filmes/documentários, jornais, história em quadrinhos, literatura de cordel, pinturas e desenhos, poesia, teatro, etc);**

**É muito importante começar pelo conhecimento prévio dos estudantes, seguido de oficinas nas quais eles possam produzir o conhecimento histórico com a mediação dos professores; a aula apenas expositiva deve ser evitada e o diálogo, o debate, sempre incentivados;**

**Interessante também é fazer mural de exposição em uma linha do tempo (do Período Colonial, Imperial e Republicano), das lideranças históricas da luta pela terra e dos movimentos sociais do campo no Brasil; construir uma perspectiva histórica na temporalidade e discutir a importância dos movimentos do passado para as lutas do presente;**

**Outra prática metodológica pertinente é a construção de peças de teatro envolvendo os temas da luta histórica dos camponeses e camponesas, cujo texto deve ser elaborado juntamente com os estudantes e por eles encenado e depois discutido;**

**Nessa mesma linha, pode ser realizada uma encenação do julgamento do assassinato de João Pedro Tei-**

xeira; texto teatral que pode ser elaborado a partir do presente livro (CAPÍTULOS 6 e 7);

Trabalhar a figura de Elizabeth Teixeira na interface classe/gênero, discutindo numa perspectiva das dificuldades das mulheres camponesas na história do Brasil. Pode também fazer utilização de vários vídeos dela no canal *youtube* e debater tomando este livro como referência (CAPÍTULO 8);

Fazer uma visita ao memorial das Ligas Camponesas e problematizar a questão da memória/esquecimento; qual a importância de rememorar a luta dos trabalhadores? Por que lembrá-los é tão importante para o presente/futuro?

Criar situações pedagógicas nas quais os estudantes possam interpretar as fotografias que constam no livro não como mera ilustração, e sim, como documentos históricos que podem ser interpretados e que são testemunhos históricos; o mesmo deve ser feito com os relatos orais, problematizando-os na perspectiva da “História vista de baixo”;

Na interpretação das linguagens historiográficas (música, filmes/documentários, jornais, história em quadrinhos, literatura de cordel, pinturas e desenhos, poesia, teatro, etc) é importante seguir uma metodologia que interprete o documento histórico considerando a crítica externa e a crítica interna.

**Ao utilizar as linguagens historiográficas é muito importante fazer questões escritas junto ao texto para orientar na pesquisa. Por exemplo: se o professor vai trabalhar um filme, não se deve apenas reproduzi-lo sem problematização, nem pedir ao estudante que faça um relatório. O professor deve elaborar perguntas para mediar a interpretação fílmica em questão;**

## **FICHA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS**

### **CRÍTICA EXTERNA AO DOCUMENTO**

Quando? \_\_\_\_\_ Quem? \_\_\_\_\_

Lugar social: \_\_\_\_\_

Contexto histórico: \_\_\_\_\_

Recepção: \_\_\_\_\_

### **CRÍTICA INTERNA AO DOCUMENTO**

Procure interpretar o conteúdo do texto relacionando com o contexto histórico acima mencionado. Nesse momento, deve-se procurar investigar o texto por dentro, naquilo que ele expressa em seus significados (palavras, metáforas, personagens, enredo, local, sons, cores, imagens, etc)

Importante observar como o texto (seja ele oral, visual, escrito, musical, etc), se relaciona com a luta de classes, gênero, raça, orientação sexual, etc. Como seus autores e autoras se posicionam politicamente em relação às questões de seu tempo histórico.

### **DICAS DE FILMES PARA DISCUTIR A QUESTÃO AGRÁRIA E A LUTA PELA TERRA NO BRASIL-CINEMA NA ESCOLA DO CAMPO:**

- ❖ Vidas Secas;
- ❖ Aruanda;
- ❖ Narradores de Javé;
- ❖ Cabra Marcado para Morrer;
- ❖ Quilombo;
- ❖ Caldeirão da Santa Cruz do Deserto;

- ❖ **Canudos: documentário de Ipojuca Fontes;**
- ❖ **Terra para Rose;**
- ❖ **Uma questão de Terra;**
- ❖ **O homem que virou suco;**
- ❖ **Menino de Engenho e Fogo Morto;**

### **MÚSICA**

- ❖ **Hino das Ligas Camponesas;**
- ❖ **Hino do MST;**
- ❖ **Xote Ecológico- Luiz Gonzaga;**
- ❖ **Levantados do Chão- Chico Buarque e Milton Nascimento;**
- ❖ **Assentamento- Chico Buarque de Holanda;**
- ❖ **Floriô- Chico César**
- ❖ **O risco que corre o pau corre o machado;**
- ❖ **Cantata para Alagamar;**
- ❖ **Não vou sair do campo- Zé Pinto;**
- ❖ **Uma Nova Educação- Zé Claudio;**
- ❖ **Canção da Terra- Pedro Munhoz;**
- ❖ **Carcará- João do Vale e José Cândido;**
- ❖ **Reis do Agronegócio- Chico César;**

### **LITERATURA/POESIA**

- ❖ **Fogo Morto e Usina- José Lins do Rego;**
- ❖ **Morte e Vida Severina- João Cabral de Melo Neto**
- ❖ **Os Homens da Terra- Poema de Vinícius de Moraes (orelha desse livro);**
- ❖ **Vidas Secas- Graciliano Ramos;**
- ❖ **Açúcar- Poema de Ferreira Gullar;**
- ❖ **Tem gente com Fome- Poema de Solano Trindade;**

### **ICONOGRAFIA**

- ❖ **Todas as imagens fotográficas que compõem o presente livro são documentos históricos importantes para serem interpretadas no ensino de História;**

### **LITERATURA DE CORDEL**

- ❖ **Ligas Camponesas: mártires e heróis- Medeiros Braga;**
- ❖ **A Liga Camponesa e a resposta de Julião- Antônio Apolinário da Cruz;**
- ❖ **O Cordel da Reforma Agrária-Medeiros Braga;**

## REFERÊNCIAS

ALVES, Janicleide Martins de Moraes. **Memorial das Ligas Camponesas**: preservação da memória e promoção dos direitos humanos. Dissertação de Mestrado em Direitos Humanos, UFPB, 2014.

**AUED, Bernadete. A vitória dos vencidos**: Partido Comunista do Brasil- PCB- e as Ligas Camponesas (1954-1964). Dissertação de Mestrado em Sociologia, Campus II da UFPB, Campina Grande, 1981.

BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide; GODOY, Rosa. **Eu Marcharei na tua Luta**: A vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 1997.

BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em marcha**. Paz e Terra, 1985.

BRAGANÇA, Ubirajara. **Remexendo o caldeirão do beato José Lourenço**: procurando evidências por trás das aparências. Rio de Janeiro: Contextualizar, 2018.

CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CATTELAN, Renata; MORAES, Marcelo Lopes; ROSSONI, Roger Alexandre. A Reforma agrária nos ciclos políticos do Brasil (1995 – 2019). **Revista NERA**, v. 3, n 55, set./dez/2020.

CITTADINO, Monique. Movimentos populares, esquerdas e ditadura militar na Paraíba (1960-1968). In: **Poder, memória e resistência: os 50 anos do golpe de 1964 e outros ensaios**. João Pessoa: Editora CCTA, 2016, p. 49-69.

DANTAS, Antônio José. **Memória Militante**. João Pessoa: Ideia, 2012.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

HAN, Antônia Maria Van; CALADO, Alder Júlio Ferreira; SEZYSHTA, Gabriele; IENO, Glaucia Maria de Luna. **Memórias do povo: João Pedro Teixeira e as ligas camponesas deixemos o povo falar**. João Pessoa: Ideia, 2006.

HERMANN, Jacqueline. Religião e política no Alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: Ferreira, Jorge & Delgado, Lucilia de Almeida Neves (Orgs). **O Brasil republicano**. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 121-160.

LEMOS, Francisco de Assis. **Nordeste**: um Vietnã que não houve- Ligas Camponesas e o Golpe de 1964. Londrina: Editora UEL/Editora da UFPB, 1996.

<http://www.ligascamponesas.org.br/wp-content/uploads/A-Luta-pela-Terra-e-as-Guerrilhas-Camponesas.pdf>.

MOREIRA, Emília. **Por um pedaço de chão**. Vol. I e II. João Pessoa: Editora da UFPB, 1997.

MOTA, Marcia e ZART, Paulo. **História Social do Campesinato**. São Paulo: Editora UNESP, ; Brasília DF, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2008 (v. I) e 2009 (v. II).

RANGEL, Maria do Socorro. Medo da morte esperança de vida: uma história das Ligas Camponesas. 2000. 387p. **Dissertação de Mestrado em História**. Universidade Federal de Campinas, Campinas, SP, 2000.

RANGEL, Maria do Socorro. Territórios de Confronto: uma história da luta pela terra nas ligas camponesas. IN:LARA, Sílvia Hunold; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Direitos e Justiça no Brasil**: ensaios de história social. Campinas: SP, Ed. Unicamp, 2006, p. 457-501.

Relatório final / Paraíba. Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba; Paulo Giovani Antonino Nunes, [et al.] – João Pessoa: A União, 2017.

ROCHA, Ayala. **Elizabeth Teixeira**: mulher da terra. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

SANTOS, Maria Clyvia Martins dos. A “Tragédia de Mari”: resistência camponesa no município de Mari- PB em 1964. **Dissertação de Mestrado em Geografia**, UFPB, 2017.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide. (orgs.). **Eu marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Editora da UFPB, 1997.

STEDILE, João Pedro (org.) **História e natureza das Ligas Camponesas- 1954-1964**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

# AUTOR@S



José Luciano de Queiroz Aires é professor da Unidade Acadêmica de História da UFCG e Tutor do PET História da referida instituição.



Maria Larissa de Brito é graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande e integrante do PET - História da UFCG.



Jackson José Leite Ferreira é graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande; Graduando em Direito pela UNIFACISA e Integrante PET História UFCG



Eduardo Bruno da Silva é graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande e integrante do PET - História da UFCG.



Pedro Basttus Gonçalo Marques é graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande e integrante do PET - História da UFCG.



Alane Maria Silva de Lima, Camponesa, Especialista em Educação do/no Campo. (Presidente do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas).



Cosmo Galdino dos Santos é agricultor, camponês, pedagogo e Especialista em Educação do Campo pela UFPB.



Josilene da Silva Oliveira tem Licenciatura plena em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo e Especialização em Educação do campo. Universidade Federal da Paraíba.



Weverton Elias Santos Rodrigues, Camponês, Graduação em História, pós-graduação em Educação do Campo, mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas/UFPB.



Luciano Mendonça de Lima é professor da Unidade Acadêmica de História da UFCG e coordenador do Grupo de estudos e pesquisas em Marxismo.

